



Ispá

Instituto Universitário
de Ciências Psicológicas,
Sociais e da Vida

A perda de animais de companhia: vínculo, processo de luto e
sintomatologia sentida pelos seus tutores

Inês Manuela Lopes Jerónimo

Orientador de Dissertação:

Prof. Doutor António José César de Almeida Gonzalez

Professor de Seminário de Dissertação:

Prof. Doutor António José César de Almeida Gonzalez

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de António José César de Almeida Gonzalez, apresentada no ISPA- Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

Alcanço agora a tão desejada meta da minha jornada pelo ISPA-IU. Durante este percurso foram diversas as aprendizagens e emoções vividas. Posso afirmar que foi uma verdadeira montanha-russa de vivências. Ao longo destes anos, pude contar com o apoio e presença de diversas pessoas que me possibilitaram ser a pessoa que sou hoje e chegar até aqui com a sensação de dever cumprido.

Agradeço, em primeiro lugar, ao Prof. António Gonzalez pela disponibilidade e paciência, por acreditar em mim e se envolver no meu projeto de modo a que este se concretizasse. Voltava a fazer a mesma escolha.

Gostaria de agradecer a todos os participantes e profissionais envolvidos, por todo o vosso seu apoio e disponibilidade cruciais para que o estudo se pudesse concretizar, nomeadamente: Cristina Mascarenhas, Ricardo Santos, Rute Teixeira, Maria Isabel Miranda, Inês Quintas. Um especial obrigado também ao Dr. Mauro Paulino que, juntamente com a Dra. Sofia Gabriel, me proporcionaram as condições necessárias para a realização deste projeto, bem como por todo o apoio fornecido.

Agradeço aos meus pais por possibilitarem esta aventura no ISPA, por acreditarem nas minhas capacidades e por me transmitirem os melhores valores para a vida.

Obrigada à Nayeli, Bea e Fanny por estarem sempre comigo desde o primeiro dia no ISPA. Com vocês cresci e vivi imensos momentos incríveis e inesquecíveis que levo comigo para a vida. Que possamos vivenciar mais momentos assim daqui em diante. Obrigada aos meus afilhados: Isabel, Marta, David, Eli, Rachel e Cláudio pela confiança e pelos momentos que me proporcionaram dentro do ISPA que guardo com carinho. Obrigada à Jessie, Maty e Mafalda por todas as aventuras que temos partilhado e por me apoiarem sempre tanto nas minhas loucuras, como nos momentos mais desafiantes.

Obrigada à Carol e à Rebandzz pelas horas intermináveis de treinos sobre rodas, por compreenderem o quão difícil é ser atleta e estudante ao mesmo tempo e assim acreditarem em todo o meu potencial. Obrigada por todo o vosso apoio. À Cristina por partilhar comigo as vivências que também teve no ISPA, por acreditar sempre em mim, seja em que contexto for.

Obrigada à Tânia (Manocas P) por todas as experiências partilhadas desde os 12 anos até à atualidade, por estar sempre lá para me dar a mão nos momentos menos bons e para me aplaudir nas minhas vitórias. Obrigada por acreditares sempre em mim quando eu menos acreditei. Para sempre juntas, minha irmã de coração e de alma!

Bobita, Misky, Ruca, Sebastião, Billy, Becas, Bia, Leão, Lolita e Luna... sou-vos grata eternamente por tudo. Separados apenas fisicamente. Unidos pelo coração, para sempre.

Resumo

O intuito deste estudo é o de compreender a sintomatologia experienciada durante o processo de luto após a perda de um animal de companhia, bem como a influência que a vinculação tem nesta relação. A amostra é constituída por 286 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e os 78 anos, que responderam a um questionário online sobre as reações à perda de um animal de companhia.

De modo a avaliar a sintomatologia experienciada após a perda de um animal de companhia recorreu-se à utilização da *Depression Anxiety Stress Scales* (Lovibond & Lovibond, 1995) com adaptação portuguesa: *Escalas de Ansiedade Depressão e Stress* (Ribeiro, *et al.*, 2004). Para avaliar as reações decorrentes do luto foi adaptada a escala *Pet Bereavement Questionnaire* (Hunt, & Padilla, 2006) para a língua portuguesa. De modo a avaliar o vínculo humano-animal, foi utilizada a escala *Lexington Attachment to Pets Scale* (Johnson, *et al.*, 1992), adaptada por Miranda (2011).

Os resultados indicam que o vínculo humano-animal está associado à sintomatologia experienciada pelo indivíduo, que as reações experienciadas pelo indivíduo no processo de luto estão relacionadas com a sintomatologia depressiva e que a causa de morte de um animal se relaciona com a experiência de sentimentos de culpa e raiva.

Palavras chave: *luto animal; animal de companhia; vínculo humano-animal.*

Abstract

The purpose of this study is to understand the symptoms experienced during the grieving process after the loss of a companion animal, as well, the influence that attachment has on this relationship. The sample consists of 286 participants, aged between 18 and 78 years who answered an online questionnaire about the reactions to the loss of a companion animal.

In order to assess the symptomatology experienced after the loss of a companion animal, the following scale was used: *Depression Anxiety Stress Scales* (Lovibond & Lovibond, 1995) adapted to portuguese: *Escalas de Ansiedade Depressão e Stress* (Ribeiro, et al., 2004). To assess the reactions resulting from grief, the *Pet Bereavement Questionnaire* (Hunt, & Padilla, 2006) scale was adapted for Portuguese language. In order to assess the human-animal bond, the *Lexington Attachment to Pets Scale* (Johnson, et al., 1992) was used, already adapted by Miranda (2011).

The results indicate that the human-animal bond is associated with the symptomatology experienced by the individual, that the reactions experienced by the individual in the grieving process are related to depressive symptomatology and that the cause of death of an animal is related to the experience of feelings of guilt and anger.

Key words: *animal bereavement; animal companion; human-animal bond.*

Índice

Introdução	1
Revisão de literatura	2
Interação humano-animal.....	2
A vinculação ao animal de companhia	2
Eutanásia animal.....	4
O processo de luto	5
Metodologia	10
Procedimento.....	10
Instrumentos.....	11
Amostra.....	13
Resultados	14
Teste de Hipóteses	17
Discussão e conclusão	21
Limitações do estudo	24
Sugestões de estudos futuros.....	25
Referências.....	26
Anexos	30
Anexo A – Processo de tradução da escala Pet Bereavement Questionnaire (PBQ) (Hunt, & Padilla, 2006) de inglês para português.....	31
Anexo B – Questionário Online	33
Anexo C – Escala Pet Bereavement Questionnaire (Hunt, & Padilla, 2006)	42
Anexo D – Escala Lexington Attachment to Pets Scale (Johnson, et al., 1992).....	43
Anexo E – Escalas de Ansiedade Depressão e Stress (EADS) (Ribeiro, et al., 2004).....	44
Anexo F – Estatística Descritiva da amostra.....	45

Anexo G – Análise da sensibilidade das escalas por item e estatísticas descritivas (PBQ e LAPS)	50
Anexo H - Testes de hipóteses	65

Índice de tabelas

Tabela 1 – Validade e Fiabilidade da escala Pet Berevement Questionnaire	14
Tabela 2 - Análise de sensibilidade da escala PBQ.....	15
Tabela 3 - Validade e Fiabilidade da escala Lexington Attachment to Pets Scale	15
Tabela 4 - Análise de sensibilidade da escala LAPS.....	16
Tabela 5 - matriz das correlações.....	16
Tabela 6 - Regressão Linear	17
Tabela 7 - Regressão Linear	18
Tabela 8 - Teste Mann - Whitney.....	19
Tabela 9 - Teste Mann - Whitney.....	19

Introdução

Os animais de companhia desempenham um papel cada vez mais importante nas vivências dos cidadãos e cidadãs na sociedade contemporânea. O seu vínculo com o ser humano tem vindo a ser fortalecido com o decorrer do tempo, pelo que os animais se tornam cada vez mais essenciais no quotidiano dos humanos. Infelizmente, a esperança média de vida de um animal de companhia não é a mesma que a de um ser humano pelo que, ao adquirir um animal de companhia, o ser humano deverá ter a consciência de que, natural e provavelmente, vivenciará o luto associado à sua perda.

Apesar deste processo parecer natural, tal como a perda de uma pessoa significativa, raramente se aborda a perda de um animal de companhia e do impacto que esta perda tem para o seu tutor. Como tal, é necessário um aprofundamento deste tema complexo, de modo a compreender também a relação cada vez mais profunda que existe entre o ser humano e os animais de companhia. Ainda que os estudos relativamente ao processo de luto de uma pessoa tenham vindo a aumentar, é imprescindível compreender o luto animal. Este estudo procura contribuir para esse objetivo.

Revisão de literatura

Interação humano-animal

A interação humano-animal tem vindo a crescer ao longo do tempo. Esta interação oferece inúmeros benefícios para o ser humano, nomeadamente a companhia. Por este motivo, os animais que coabitam com o ser humano (como o cão, o gato, entre outros) são designados por animais de companhia, e criam facilmente uma forte vinculação emocional recíproca com os seus tutores (Faraco, 2008). Esta interação proporciona também outros benefícios para o ser humano como, por exemplo, a atividade a nível físico (ao passear ou brincar com o animal de companhia) que, conseqüentemente, melhorará o bem-estar físico do indivíduo. Para além dos benefícios a nível do bem-estar físico, Gómez, Atehortua e Orozco (2007) verificaram, na sua revisão de literatura, que a presença de um animal de companhia na vida de um ser humano influencia de forma positiva a saúde e o bem-estar em diversas áreas: a nível terapêutico, fisiológico, psicológico e psicossocial.

Estas interações entre o ser humano e os animais ocorrem desde, aproximadamente, onze mil anos antes de Cristo, altura em que a necessidade de domesticação de animais se tornou evidente com o intuito principal de auxiliar o Homem na eficácia de atividades como a caça e a agricultura (Diamond, 2013, citado por Pinto, 2018). Foi ao compreender a utilidade dos animais no seu quotidiano ou, por outro lado, o risco de ameaça, que o Homem sentiu ser imprescindível a sua aproximação a outras espécies (Caetano, 2010). Assim, e como processo evolutivo natural, os animais domesticados pelo ser humano, foram perdendo algumas das suas características específicas e/ou foram adquirindo/modificando outras características suas, como é o caso do lobo selvagem domesticado pelo homem que, após vários processos e cruzamentos, se tornou no cão doméstico tal como o conhecemos na atualidade, observando-se alterações a nível de temperamento (de hostil a dócil), porte (de grande porte a porte com menores dimensões), entre outras características. Assim, todo este desenvolvimento e progresso motivaram o elo que existe na atualidade entre os animais de companhia e o ser humano (Diamond, 2013, citado por Pinto, 2018).

A vinculação ao animal de companhia

Segundo um estudo de Zilcha-Mano, Mikulincer, e Shaver (2012) sobre o modo como um animal de companhia se representa como um abrigo seguro para o seu tutor através da sua proximidade (física ou simbólica) com efeito tranquilizador (ou não) em contextos de maior

necessidade, ficou concluído que um animal de companhia consegue proporcionar ao seu tutor uma “base segura” e um “abrigo seguro”, seguindo a teoria da vinculação de Bowlby, teoria essa que é válida para compreender a relação entre humano e animal de companhia, bem como o modo como se processa o relacionamento humano/animal de companhia e a forma como o ser humano consegue beneficiar com esta relação. Assim, a presença física ou cognitiva de um animal de companhia, permitiu fornecer aos seus tutores sentimentos de competência e uma sensação de base segura, ferramentas estas que estimularam uma maior sensação de autoeficácia e segurança nas suas aspirações futuras. Em contexto de estimulação de sentimentos de angústia, foi comprovado que o animal de companhia se tornou uma figura segura, um abrigo seguro para o seu tutor. Ou seja, a presença do animal de companhia permitiu que o seu tutor se sentisse mais calmo, mesmo que este se encontrasse numa situação de ameaça, encorajando-o a alcançar os seus objetivos e ambições. Os resultados observados neste estudo permitiram afirmar que os efeitos verificados aquando da presença de um animal em situações de desconforto para o indivíduo, se assemelham aos efeitos observados pela presença de uma figura humana protetora. Sendo assim, na maioria das vezes, o animal de companhia constituiu-se como uma figura de vinculação segura e protetora para o seu tutor humano.

King e Werner (2012) mostraram que a ansiedade de separação está fortemente correlacionada com o luto, depressão e ansiedade após a morte de um animal de companhia. Este estudo foi suportado pelas teorias de vinculação de Bowlby (1980) que referia que cada indivíduo percebe o luto à sua maneira, dependendo das experiências vivências e do modo de como este se organiza internamente, através da relação com diversos sujeitos no decorrer da sua vida. Assim, e de acordo com Bowlby (1980, citado por King e Werner, 2012) indivíduos com elevados níveis de ansiedade de separação possuem uma maior tendência em procurar, de modo permanente, a figura perdida, originando dificuldades em se voltar a conseguir organizar e a superar a sua perda. Isto é, o modo como o ser humano cuida das suas relações com outros indivíduos, bem como as inquietações que vão surgindo relativas a essas relações, estão relacionadas com a forma como irão reagir à perda de um animal que lhes é querido.

Fritz, Farver, Kass, e Hart (1995), estudaram a influência da vinculação humano-animal de companhia na ansiedade traço e na ansiedade estado. Tanto a ansiedade traço como a ansiedade estado podem ser influenciadas pela vinculação do indivíduo ao seu animal de companhia. Indivíduos com diagnóstico de doença de Alzheimer e com maiores níveis de vinculação aos seus animais de companhia, apresentaram menos alterações em transtornos de humor comparativamente com os indivíduos que possuíam menores níveis de vinculação com os seus animais (Crawford, Worsham, & Swinehart, 2006).

Na atualidade, é visível um aumento das famílias que preferem não ter filhos ou então sujeitos que optam por não se envolver numa relação, optando por se dedicar ao relacionamento com um ou mais animais de companhia (cães, gatos, entre outros) a seu cargo (Clements, Benasutti, & Carmone, 2003).

Eutanásia animal

A eutanásia animal é um processo de morte indolor de um animal através de uma metodologia que origina a inconsciência rápida, sem evidência de sofrimento para o animal. Este é um processo célere que utiliza drogas anestésicas que originam, primeiramente, a perda de consciência do ser, de seguida, a paragem cardiorrespiratória e, conseqüentemente, a morte. Este método é muitas vezes utilizado para reduzir o sofrimento de um animal (Institutional, 2002, citado por Oliveira, Alves, & Rezende, 2003).

Os tutores que possuem um vínculo extremamente forte com o seu animal de companhia, estão mais predispostos a estar atentos ao estado de saúde do seu animal de companhia e, ao sentir que o seu animal sofre, poderão preferir a escolha da eutanásia de modo a diminuir o estado de sofrimento e dor do seu animal (Testoni, De Cataldo, Ronconi, & Zamperini, 2017). Contudo, a falta de informação relativa à eutanásia e/ou estado de saúde do animal, podem desencadear sentimentos de raiva e culpa no tutor (Davis, Irwin, Richardson, & O'Brien-Malone, 2003). Testoni *et al.* (2017), confirmaram que, quando a partilha dessa informação não é orientada para o nível simbólico, pode desencadear sintomas depressivos, pois o indivíduo pode reprimir as suas emoções e originar esses sintomas de modo inconsciente.

Segundo um estudo de Bussolari, Habarth, Katz, Phillips, Carmack, e Packman, (2018) relativo à decisão de proceder ao método de eutanasiar um animal de companhia, a grande maioria dos indivíduos incluídos no estudo consideraram que fizeram a melhor opção para o seu animal de companhia apesar dos elevados níveis de luto sentidos. Para a maioria destes participantes, a eutanásia surge como uma atitude de amor e compaixão. Os participantes que realmente sentiram suporte por parte da equipa de médicos veterinários, nomeadamente, através da empatia, compaixão, compreensão e confiança, têm uma maior tendência a ponderar ou a avançar com a decisão de eutanasiar o seu animal de companhia de modo a terminar com o seu sofrimento. Ainda relativamente aos resultados deste estudo, verificou-se que a grande maioria dos participantes não possuía sentimentos de culpa relativamente à decisão de proceder ao método de eutanásia animal.

A eutanásia, por vezes, pode fazer com que o indivíduo se sinta responsável pela morte do seu animal de companhia. De modo recorrente a culpa, o arrependimento e a raiva são

recursos que o ser humano vai utilizar de modo a afastar de si a intensidade das sensações da perda que está a experienciar e do seu conseqüente processo de luto (Hewson, 2014 citado por Bussolari, *et al.*, 2018).

No estudo de Adrian e Stitt (2019), foi observado que assistir ao processo envolvido numa eutanásia de um animal de companhia pode atenuar os níveis de arrependimento da escolha deste processo. Contudo, assistir a este processo pode, por outro lado, elevar os sinais de luto ou desencadear sintomas relacionados com o stress pós-traumático.

O processo de luto

O luto é um processo que, geralmente, é relacionado ao momento que ocorre após a morte de alguém que nos é querido. Contudo, existem diversos contextos de luto que o ser humano experiencia, não os reconhecendo como tal. Por exemplo: o fim de uma relação afetiva, a perda de uma parte do corpo ao sofrer um acidente e... a perda de um animal de companhia. Todos estes exemplos são exemplos válidos de processos de luto que o ser humano pode experienciar no decorrer da sua vida. É um processo complexo, pois é sentido e vivenciado de modos diferentes por cada indivíduo, e varia consoante o meio cultural e social onde está inserido, bem como a relação e a circunstância da perda (Ramos, 2016).

Quando o ser humano passa por este processo, são identificados diversos sintomas muito comuns em sujeitos na fase adulta. O sentimento mais frequente é a tristeza, expressando-se, maioritariamente, em choro. A raiva, proveniente da revolta ou da sensação de impotência, também pode surgir. Este sentimento pode desencadear a impressão de que o indivíduo é incapaz de viver sem a figura que perdeu, podendo assim originar também a sensação de culpa, que pode ser transferida para outros indivíduos, responsabilizando-os da morte do seu ente querido. Esta sensação de culpa pode também ser sentida pelo próprio, podendo dar origem a comportamentos suicidas (Worden 1991, citado por Chahér, 2020)

Ainda como sintoma frequente num indivíduo adulto que vivencia uma perda, temos a ansiedade que, com diferentes níveis de intensidade, pode invadir o sujeito, desde, por exemplo, a impressão de sentir insegurança, até um ataque de pânico. Quanto maior for a sua intensidade e permanência, maior será o sofrimento do indivíduo. O sujeito pode sentir-se impossibilitado de realizar tarefas simples e comuns do seu quotidiano e poderá ter uma maior consciência da morte, podendo ter receio dela. O cansaço, disfarçado de letargia e/ou desinteresse também pode emergir (Worden 1991, citado por Chahér, 2020).

Tal como no ser humano, a morte de um animal de companhia pode ter origem em diversas causas. Tanto uma doença prolongada como uma doença súbita podem conduzir ao

processo de eutanásia. Segundo Testoni, *et al.* (2017), o processo de eutanásia pode desencadear uma maior sensação de vínculo ao animal e de dor, enquanto que a morte repentina de um animal de companhia está mais associada a sentimentos de raiva e de culpa por parte do tutor do animal. O auxílio do médico veterinário através da partilha de informações relativas ao estado de saúde do animal pode ajudar a diminuir os sentimentos de raiva e culpa, contudo não parece diminuir o efeito de somatização de sintomas depressivos.

A morte de um animal de estimação pode ser comparada, em diversos aspetos, à perda de um membro familiar. Diversos estudos tornam evidente que a relação entre os seres humanos e os seus animais de companhia proporcionam experiências de vinculação significativas. A necessidade de criar este vínculo é partilhada tanto pelos humanos como pelos animais (Cowles, 1980; Jaroleman; Meyers, 2000; Rynearson, 1978 citados por Clements, Benasutti, & Carmone, 2003). Assim, a morte de um animal de companhia constitui-se como o término de algo especial para o ser humano, podendo ser um dos eventos mais difíceis a experienciar na sua vida (Stephens & Hill, 1996). O vínculo estabelecido entre o tutor e o animal de companhia está significativamente correlacionado com o sofrimento após a perda do animal, o que significa que quanto maior for o vínculo estabelecido com o animal, maior será o sofrimento experienciado pelo tutor (Brown, Richards & Wilson, 1996; Gosse & Barnes 1994).

O luto de um animal de companhia pode ser um processo emocional bastante complexo, demorado e doloroso, podendo desencadear sensações de tristeza, melancolia e remorsos. O enfraquecimento dos efeitos destas sensações, pode ocorrer devido a diversas características, nomeadamente: o meio familiar onde o indivíduo se insere; o modo como o animal partiu; se o animal padecia de uma doença: a intensidade e duração desta; a idade do animal; entre outros factores (Lagoni, 2007; Swarte *et al.*, 2003; Van den Boom, 1995; citados por Adrian, & Stitt, 2019). Os tutores de animais de companhia podem, por vezes, isolar-se e realizar um luto privado, isto é, guardam para si as suas emoções, transformando-as numa angústia silenciosa, o que poderá ser fortemente prejudicial para a sua saúde mental pois, ao isolarem-se, não recebem o suporte social necessário, poderão ter comportamentos de luto acentuados e, por consequência, um luto demorado e difícil (Cordaro, 2012).

Numa investigação de Packman, Carmack, Katz, Carlos, Field e Landers (2014), foram avaliadas as reações à perda de um animal de companhia e os resultados refletiram sintomas de dor e até sintomas a nível físico, como dificuldades respiratórias ou bloqueios emocionais. Também foram descritas sensações de vazio, “coração partido”, tristeza extrema, sensação de “maior dor alguma vez sentida”.

Oliveira e Franco (2015), também estudaram as reações possíveis num processo de luto na perda de um animal de companhia e referem diversos aspetos nomeadamente: entorpecimento, ansiedade de separação, culpa, raiva e depressão. Foram assim descritas sensações de estado de choque, sensação de se encontrar perdido e abalado, sensação de desespero, falta de coragem para visualizar o corpo do animal, dor, enorme tristeza, choro fácil. Verificaram que a ansiedade de separação se tornou mais evidente quando a morte do animal se encontrava relacionada com a escolha da eutanásia. Também relacionada com este processo encontra-se a culpa por esta ser uma decisão delicada. A culpa pode assim dificultar este processo de luto.

Em alguns casos, é possível que o tutor do animal perdido se torne enraivecido pelo sucedido. Num momento de perda, é válido que um indivíduo se sinta perdido e desamparado, pelo que pode ficar enfurecido e sentir revolta com aqueles que o rodeiam, nomeadamente familiares, amigos ou até mesmo com o médico veterinário responsável pelos cuidados do seu animal de companhia. Para além da raiva, também são descritos sintomas depressivos (Oliveira e Franco, 2015)

Num estudo de Davis *et al.* (2003), foram avaliados conjuntos de características que tornavam o processo de luto de um animal de companhia mais ágil ou mais complexo para o ser humano seu tutor. Foram descritas dificuldades relacionadas com a privação das rotinas entre o tutor e o seu animal de companhia, recordação do animal ao encontrar os objetos mais utilizados por ele e também a sensação de não possuir uma figura empática para partilhar a experiência de luto. Relativamente aos agentes que facilitaram o processo de luto, foram mencionados fatores como a aquisição de um novo animal de companhia depois da perda, a realização de um ritual ou a elaboração de um memorial, uma boa relação baseada no respeito com o médico veterinário, a esperança na existência de vida após a morte para o seu animal, compreensão do valor e missão dos animais e reconhecer a perda e consequente desapego físico do animal.

Oliveira (2013) estudou o reconhecimento da perda de um animal de companhia pela sociedade e pelos seus tutores. A grande maioria dos participantes considerou que este processo de luto não é, maioritariamente, reconhecido por aqueles que os rodeiam. Doka (1989) refere que um processo sem este reconhecimento e sem manifestação emocional por parte do indivíduo que passa por este processo difícil, ocorre um luto não autorizado. Um luto não autorizado pode dificultar a aceitação da perda do animal de companhia, visto que o indivíduo se sente obrigado a evitar o sucedido (Oliveira, 2013).

Os profissionais de saúde mental, como o psicólogo clínico, podem auxiliar o médico veterinário e o tutor do animal que morreu na criação simbólica do processo de luto relacionado com o processo da eutanásia, fornecendo apoio psicológico. Assim, em conjunto, médicos veterinários e profissionais de saúde mental, devem identificar a relevância que ambos possuem neste processo tão complexo para os tutores de animais de companhia que experienciam uma perda. Em diversos casos, podem surgir sentimentos de arrependimento e culpa comuns e válidos para estes processos de luto. Muitas das vezes, estes sentimentos surgem de decisões como a eutanásia, por ser uma decisão repleta de uma carga emocional complexa de gerir autonomamente para o indivíduo (Lagoni, 2011).

Cordaro (2012), refere a importância de apoio psicológico, na medida em que este suporte deve fornecer as ferramentas necessárias para a elaboração de um luto saudável através, por exemplo, da elaboração de estratégias para enfrentar o luto tais como a criação de um memorial para o animal de companhia ou o frequentar de grupos de partilha. Ao analisar a experiência de luto, o indivíduo que se encontra a ultrapassá-lo consegue compreender melhor todo este processo e assim aceitar a perda com um novo olhar. Assim, o luto animal deve constituir-se como qualquer outro processo de luto, de modo a que os donos sintam que a sua perda tem valor e que, com os recursos corretos, é possível viver com essa perda. O reconhecimento destas perdas de animais de companhia é fundamental na atualidade devido à importância crescente que o animal tem adquirido na vida do ser humano.

Com base na revisão de literatura apresentada, o presente estudo tem como principal objetivo compreender o impacto que a morte de um animal de companhia possui no seu tutor. Assim, foram formuladas as quatro seguintes hipóteses de investigação:

Hipótese 1: Espera-se que quanto mais forte for o vínculo estabelecido com o animal de companhia, maior será o sofrimento experienciado pelo seu tutor após a sua morte.

Hipótese 2: Quanto mais elevados forem os níveis de sofrimento, culpa e raiva (reações experienciadas num processo de luto), mais elevados serão os níveis de sintomatologia depressiva.

Hipótese 3: Espera-se que a sintomatologia (Ansiedade, Depressão e Stress) experienciada pela perda de um animal de companhia diminua aquando da aquisição de um novo animal de companhia.

Hipótese 4: Espera-se que exista um aumento da experiência de sentimentos de culpa e de raiva quando a morte de um animal de companhia ocorre de forma inesperada, quando comparado às situações em que ocorre pelo processo de eutanásia.

Metodologia

Procedimento

Previamente à recolha de dados, foram necessárias adaptações e/ou alterações aos instrumentos selecionados para a realização deste estudo. Deste modo, foi necessária a tradução e adaptação da escala *Pet Bereavement Questionnaire* (PBQ) (Hunt, & Padilla, 2006) e a realização de algumas modificações na escala *Lexington Attachment to Pets Scale* (LAPS) (Johnson, *et al.*, 1992), já traduzida e adaptada para a língua portuguesa por Miranda (2011), de modo a que pudesse também ser integrada no estudo.

Como referido anteriormente, a *Pet Bereavement Questionnaire* (Hunt & Padilla, 2006), é um instrumento que não se encontrava traduzido e adaptado à população portuguesa pelo que, para este estudo, este instrumento teve de passar por um processo de tradução (Anexo A). Numa primeira fase, foi realizada uma tradução da língua inglesa para a língua portuguesa. De seguida, ocorreu uma avaliação da tradução por um painel de especialistas. Foi depois requerido a uma tradutora para realizar uma retro-tradução da escala da língua portuguesa para a língua inglesa. Por fim, foi solicitado a dois especialistas da área animal para efetuarem uma avaliação da versão final da tradução do PBQ, sendo esta aprovada com sucesso com uma taxa de acordo de 100%.

Relativamente à escala *Lexington Attachment to Pets Scale* (LAPS) (Johnson, *et al.*, 1992), apesar de esta já se encontrar traduzida para a população portuguesa (Miranda, 2011), houve a necessidade de realizar algumas alterações de modo a que esta se pudesse incluir neste estudo. Em todos os itens das versões originais é observável que os verbos se encontram no presente do indicativo. Como este estudo se refere ao luto de um animal de companhia de cada participante, não seria correto referir ao animal perdido no tempo presente, pelo que foi considerada a alteração dos verbos para o tempo passado (por exemplo, de: “1. O meu animal de companhia **significa** mais para mim do que qualquer um dos meus amigos”, para: “1. O meu animal de companhia **significava** mais para mim do que qualquer um dos meus amigos”). Para além desta pequena alteração, também foram alterados os pontos da escala de cinco para quatro pontos, como na escala original: “discordo plenamente” (0), “discordo em parte” (1), “concordo em parte” (2), “concordo totalmente” (3). Na versão adaptada para português por Miranda (2011), constava, entre os pontos 1 e 2, a opção “não sei ou recuso responder” de modo a que, os participantes que não se identificassem com nenhuma das opções, pudessem selecionar essa opção. Contudo, optou-se por seguir os pontos da versão original. Também ocorreu a alteração

do termo “animal de estimação” para “animal de companhia” de modo a seguir em conformidade com o estudo.

De seguida, deu-se início à realização do questionário online na plataforma Google Forms. O questionário foi assim organizado em seis secções (Anexo B): Secção 1 - Consentimento informado; Secção 2 - Questionário Sociodemográfico; Secção 3 - Relativa ao animal de companhia que perdeu; Secção 4 - Factores psicológicos associados à perda de um animal de companhia; Secção 5 - Relação humano-animal de companhia; Secção 6 – sintomatologia. As últimas três secções correspondem às três escalas seleccionadas.

A participação neste estudo através do questionário online, exigia a leitura correta das instruções e a confirmação do consentimento informado (secção 1) onde constavam as informações relativas aos requisitos pedidos, bem como a garantia de que este seria um estudo de participação voluntária, podendo o participante desistir a qualquer momento e onde seria assegurado o anonimato dos dados que seriam utilizados única e exclusivamente para fins académicos e científicos.

Terminado o questionário online, este foi partilhado através de diversas fontes de informação, nomeadamente, redes sociais através da metodologia do efeito *snowball*, de modo a alcançar o máximo de participantes possível.

A recolha de dados ocorreu de maio de 2021 a julho de 2021, tendo-se obtido um total de 289 respostas. De seguida, os dados foram exportados do Google Forms para o Excel e do Excel para o programa IBM SPSS Statistics (versão 27).

Instrumentos

O questionário utilizado para a recolha de dados contém seis secções (Anexo B). Na primeira secção, encontra-se o consentimento informado onde o participante aceita e concorda participar no estudo com a garantia de que todos os dados recolhidos são confidenciais e que será sempre mantido o seu anonimato, servindo esses dados apenas para uso académico e científico.

Na segunda secção, são recolhidos os dados sociodemográficos dos participantes através de um breve questionário.

A terceira secção tem como intuito aprofundar mais o estudo pois é onde se iniciam as questões relativas ao animal de companhia perdido. Nesta mesma secção, encontram-se questões breves relativas à idade do animal quando adquirido e quando faleceu, ao momento em que ocorreu a perda, o quão significativo era o animal, as causa(s) da morte, entre outras

questões, de modo a compreender melhor a relação dos participantes com o seu animal de companhia perdido.

Na quarta secção, surge o *Pet Bereavement Questionnaire* (Hunt, & Padilla, 2006). O *Pet Bereavement Questionnaire* (PBQ), é um instrumento utilizado na avaliação do impacto psicológico envolvido na perda de um animal de estimação (Anexo C). Assim, é constituído por três dimensões: *grief* - sofrimento (itens 2, 3, 5, 7, 10, 12 e 15), *guilt* - culpa (itens 6, 8, 9 e 16) e *anger* - raiva (itens 1, 4, 11, 14 e 13). Possui 16 itens desenvolvidos especificamente para relacionar a relação homem-animal com o falecimento de um animal de companhia. O PBQ é uma escala tipo Likert com quatro pontos onde a opção "discordo totalmente" corresponde a 0 pontos, "discordo" corresponde a 1 ponto, "concordo" corresponde a 2 pontos e, por fim, "concordo totalmente" corresponde a 3 pontos, sendo a pontuação máxima de 48 pontos. Quanto maior for a pontuação do indivíduo, maior será o seu grau de luto (Hunt, & Padilla, 2006).

Na quinta secção encontra-se a escala *Lexington Attachment to Pets Scale* (Johnson, *et al.*, 1992). A *Lexington Attachment to Pets Scale* (LAPS) é uma escala com 23 itens desenvolvida com o intuito de avaliar e compreender o vínculo e o afeto estabelecido entre os indivíduos e os seus animais de companhia (Anexo D). Esta escala apresenta quatro pontos: "discordo plenamente" (0), "discordo em parte" (1), "concordo em parte" (2) e "concordo totalmente" (3). Foi traduzida e adaptada para a língua portuguesa por Miranda (2011). De salientar que os itens 8 e 21 são itens invertidos.

Na sexta e última secção, apresenta-se a *Depression Anxiety Stress Scale* (DASS) (Lovibond & Lovibond, 1995), adaptada para português com o nome *Escalas de Ansiedade Depressão e Stress* (EADS) (Ribeiro, *et al.*, 2004). A versão utilizada desta escala, possui 21 itens e avalia os níveis de ansiedade (itens 2, 4, 7, 9, 15, 19 e 20), depressão (itens 3, 5, 10, 13, 16, 17 e 21) e stress (itens 1, 6, 8, 11, 12, 14 e 18) sentidos pelo indivíduo na última semana. Possui assim afirmações que remetem para sintomas emocionais negativos. O indivíduo avalia cada afirmação com um dos quatro pontos, consoante a intensidade experimentada do sintoma no decorrer da última semana: "não se aplicou nada a mim" (0), "aplicou-se a mim algumas vezes" (1), "aplicou-se a mim muitas vezes" (2), "aplicou-se a mim a maior parte das vezes" (3). A pontuação total mínima é de zero e a máxima é de 63. Quanto mais alta for a pontuação de cada sub-escala, mais negativo será o estado afetivo do indivíduo (Ribeiro, *et al.*, 2004).

Amostra

A amostra deste estudo era inicialmente constituída por 289 participantes. Contudo, foram considerados apenas 286 participantes visto que os dados dos restantes não correspondiam ao que era solicitado no estudo. Dois dos participantes retirados da amostra interpretaram a causa de morte do animal como um desaparecimento momentâneo. O outro participante retirado respondeu “0” em todos os parâmetros tanto qualitativos como quantitativos. Assim, a amostra final era constituída por 286 participantes com idades compreendidas entre os 18 e os 78 anos ($M = 36.10$), sendo que a maioria são indivíduos do género feminino (85%). Relativamente às habilitações literárias, é possível constatar que a maioria dos participantes são licenciados (40.9%) ou possuem grau de mestre (28.0%). Dos 286 participantes, 151 (52.8%) participantes são solteiros, 113 são casados ou encontram-se em união de facto (39.5%). 190 participantes deste estudo não possuem filhos (66.4%) e, atualmente, 245 dos 286 participantes (85.7%), possuem pelo menos um animal de companhia. Relativamente ao animal de companhia perdido, 166 participações neste estudo correspondem ao cão (58%), 102 participações referem-se ao gato (35.7%) e as restantes 18 participações referem-se a outros animais de companhia, nomeadamente: coelho, pássaro, hamster, furão, porquinho-da-índia e gerbil (Anexo F).

A escolha da amostra que consta neste estudo tem como principais requisitos: a) idade igual ou superior a 18 anos; b) residência em Portugal; c) ter perdido um animal no período dos últimos dois anos.

Resultados

Foram analisadas as qualidades métricas de duas das seguintes escalas utilizadas na investigação: *Pet Bereavement Questionnaire* (Hunt, & Padilla, 2006), *Lexington Attachment to Pets Scale* (Johnson, et al., 1992). Esta análise decorre da necessidade de avaliar as qualidades psicométricas das escalas devido às modificações realizadas e necessárias para a sua inclusão no estudo.

Análise das qualidades psicométricas das escalas

Escala *Pet Bereavement Questionnaire* (Hunt, & Padilla, 2006)

Análise factorial exploratória (AFE)

Com o intuito de testar a validade desta escala, foi realizada uma análise factorial exploratória através da utilização do critério Kaiser-Meyer-Olkin (KMO). Analisando os resultados obtidos (KMO = .881 e esfericidade de Bartlett = .000), é possível verificar que estes valores vão de encontro com os valores padrão estipulados para estes testes (KMO > .7 e $p < .05$). Um valor de KMO superior a .7 é indicativo da existência de uma correlação dos itens da escala (Marôco, 2014).

Fiabilidade

De modo a analisar a fiabilidade da escala e a sua consistência interna, realizou-se um cálculo do *Alpha de Cronbach*. O valor retirado desta análise ($\alpha = .886$) revela que esta escala apresenta uma excelente consistência interna (Tabela 1). Segundo Marôco (2014), quando o *Alpha de Cronbach* possui um valor superior a .7.

Tabela 1 – Validade e Fiabilidade da escala *Pet Bereavement Questionnaire*

	α	KMO	Sig.
PBQ	.886	.881	.000

Sensibilidade

De modo a avaliar a sensibilidade da escala, é importante verificar se os itens desta escala cumprem os pressupostos necessários. Ou seja, é importante conferir se existem respostas em todas as categorias e se a mediana tem localização em valores extremos de cada

item. Para isto, é necessário verificar os valores de assimetria e curtose que, segundo Kline (2011), devem ser inferiores a $|3|$ para a assimetria e a $|7|$ para a curtose. Nesta escala, o valor da assimetria é positivo (assimetria = $|.163|$) o que significa que a sua distribuição se encontra mais à direita e por essa razão o enviesamento é positivo. Em relação ao valor da curtose (curtose = $|-.272|$) por ser um valor inferior a zero, é possível concluir que se está a tratar de uma distribuição leptocúrtica (Marôco, 2014) (Tabela 2). A análise da sensibilidade por item, bem como a estatística descritiva de cada item encontram-se em anexo (Anexo G).

Tabela 2 - Análise de sensibilidade da escala PBQ

	Assimetria	Curtose
PBQ	.163	-.272

Escala *Lexington Attachment to Pets Scale* (Johnson, *et al.*, 1992)

Análise factorial confirmatória (AFE)

Para confirmar a validade desta escala, foi realizada uma análise factorial confirmatória através da aplicação do critério Kaiser-Meyer-Olkin (KMO). Analisando os resultados obtidos (KMO = .940 e esfericidade de Bartlett = .000), é possível confirmar que estes valores vão ao encontro com os valores padrão estabelecidos para estes testes (KMO > .7 e $p < .05$).

Fiabilidade

Esta escala possui 23 itens, de forma a analisar a sua fiabilidade e consistência interna, realizou-se igualmente um cálculo do *Alpha de Cronbach*. O valor retirado desta análise ($\alpha = .984$) revela que esta escala apresenta uma excelente consistência interna (Tabela 3). Segundo Maroco (2014), quando o *Alpha de Cronbach* possui um valor superior a .7.

Tabela 3 - Validade e Fiabilidade da escala Lexington Attachment to Pets Scale

	α	KMO	Sig.
LAPS	.948	.940	.000

Sensibilidade

Como indicado na análise da sensibilidade da escala anterior, os valores de assimetria devem ser inferiores a $| 3 |$ e os valores da curtose devem ser inferiores a $| 7 |$. Contudo, ao analisar a curtose e a assimetria, verifica-se que o item 21 apresenta um valor de assimetria superior ao desejável segundo os parâmetros de referência, o que significa que este item não segue distribuição normal. O mesmo se sucede em relação aos itens 19, 20 e 21 em que a curtose apresenta valores superiores ao desejado consoante os parâmetros de referência. Para esta escala, o valor da assimetria é negativo (assimetria = - 1.360), o que significa que a sua distribuição se centra mais à esquerda e, desta forma, o seu enviesamento é negativo. Face ao valor da curtose (curtose = 1.882), é possível concluir que esta distribuição é platicúrtica uma vez que o valor em causa é superior a zero (Marôco, 2014) (Tabela 4). A análise da sensibilidade por item, encontra-se em anexo (Anexo F)

Tabela 4 - Análise de sensibilidade da escala LAPS

	Assimetria	Curtose
LAPS	-1.360	1.882

Correlações entre variáveis

Foram avaliadas, através do teste de correlação de Pearson, as correlações entre as três principais variáveis. Quanto mais próximo de 1 for o valor do coeficiente da relação entre variáveis, mais forte será a correlação e, por isso, quando uma variável aumenta, a outra também aumentará. O mesmo não se sucede quando o valor se aproxima de -1, ou seja, quando uma diminui, a outra aumenta (Marôco, 2014). A partir da análise da Tabela 5, é observável uma correlação positiva moderada entre todas as variáveis.

Tabela 5 - matriz das correlações

	N	Reações	Vínculo	Sintomatologia
Reações	Correlação de Pearson	1		
Vínculo	Correlação de Pearson	.442*	1	
Sintomatologia	Correlação de Pearson	.490*	.303	1

(*) – correlação significativa ao nível .01.

Teste de Hipóteses

De modo a testar as hipóteses propostas nesta investigação, utilizou-se a versão 27 do programa *IBM SPSS Statistics*.

Hipótese 1: Espera-se que quanto mais forte for o vínculo estabelecido com o animal de companhia, maior será o sofrimento experienciado pelo seu tutor após a sua morte.

Assim, para testar a hipótese 1, foi realizada uma regressão linear simples com o principal intuito de compreender o impacto que um forte vínculo estabelecido com o animal de companhia tem sobre o sofrimento experienciado pelo tutor do animal após a sua morte. Obtiveram-se os seguintes resultados (Tabela 6):

Tabela 6 - Regressão Linear

	β	t	Sig.
Vínculo	.545	10.941	< 001

a. Variável dependente: Sofrimento

Modelo	R ²	Sig.
1	.297	< 001

a. Preditor: Vínculo

b. Variável Dependente: Sofrimento

Ao examinar a Tabela 6, nota-se que existe uma relação direta entre o vínculo estabelecido com o animal de companhia e o sofrimento experienciado pelo tutor após a morte do animal, uma vez que o modelo é estatisticamente significativo. Constata-se assim que a variável vínculo explica 29.7% do sofrimento (r^2 .297). O impacto é positivo, verificado na matriz das correlações ($\beta = 5.45$, $p < .001$), confirmando assim a hipótese 1.

Hipótese 2: Quanto mais elevados forem os níveis de sofrimento, culpa e raiva (reações experienciadas num processo de luto), mais elevados serão os níveis de sintomatologia depressiva.

De modo a perceber se existe relação entre as reações experienciadas pelo indivíduo e a sintomatologia, foi realizada uma regressão linear múltipla na qual foram introduzidos os preditores raiva, culpa e sofrimento e a variável dependente depressão. Obtiveram-se os resultados presentes na Tabela 7.

Tabela 7 - Regressão Linear

	β	t	Sig.
PBQGrief	.166	2.832	.005
PBQAnger	.271	3.965	< 001
PBQGuilt	.146	2.213	.028

b. Variável dependente: Depressão

Modelo	R ²	Sig.
1	.225	< 001

c. Preditores: Culpa, Sofrimento, Raiva

d. Variável Dependente: Depressão

Ao analisar a Tabela 7, é possível constatar que parece haver uma relação entre as reações e a sintomatologia depressiva. É possível verificar que 22.5% (r^2 .225) da sintomatologia depressiva é explicada pelas variáveis reações (culpa, raiva e sofrimento). É possível retirar também que quanto maior for o *Beta*, maior será a predição entre as variáveis, o que significa que a reação raiva é a que parece predizer mais a sintomatologia depressiva (β =.271). O modelo desta regressão linear é estatisticamente significativo ($F(3,282) = 27.310$; $p > .001$; $R^2 = .225$). Face aos resultados obtidos, é possível concluir que esta hipótese foi verificada.

Hipótese 3: Espera-se que a sintomatologia (Ansiedade, Depressão, Stress) experienciada pela perda de um animal de companhia diminua aquando da aquisição de um novo animal de companhia.

Com o intuito de testar a terceira hipótese, realizou-se o teste Mann-Whitney para amostras independentes, com o objetivo de comparar os valores da sintomatologia

experienciados pelo indivíduo após a perda de um animal e a aquisição de um novo animal (Tabela 8).

Tabela 8 - Teste Mann - Whitney

	Sig.	Adquiriu um novo animal?	N	Média
Stress	.583	Sim	135	140.69
		Não	151	146.01
		Total	286	
Depressão	.597	Sim	135	140.77
		Não	151	145.94
		Total	286	
Ansiedade	.986	Sim	135	143.41
		Não	151	143.58
		Total	286	

Com base na tabela obtida, é possível averiguar que tanto na ansiedade como no stress e na depressão os valores diminuem ligeiramente aquando a aquisição de um novo animal. No entanto, estas variações não são significativas estatisticamente pelo que não se confirma a hipótese.

Hipótese 4: Espera-se que exista um aumento da experiência de sentimentos de culpa e de raiva quando a morte de um animal de companhia ocorre de forma inesperada, quando comparado às situações em que ocorre pelo processo de eutanásia.

Para fazer a análise desta hipótese, recorreu-se a um teste paramétrico, o teste Mann – Whitney (Tabela 9), uma vez que as variáveis dependentes não seguem distribuição normal (um dos pressupostos fundamentais para que possa ser realizado um teste paramétrico) (Anexo H).

Tabela 9 - Teste Mann - Whitney

	Sig.	Causa de Morte	N	Média
Raiva	.028	Morte Inesperada	69	94.26

		Eutanásia	99	77.70
		Total	168	
Culpa	.006	Morte Inesperada	69	96.72
		Eutanásia	99	75.98
		Total	168	

Com base nos resultados do teste Mann - Whitney, é possível observar que existem diferenças entre as médias das variáveis raiva e culpa quando a morte do animal de companhia acontece de forma inesperada. É ainda de notar que os níveis de culpa e raiva são mais elevados neste tipo de causa de morte. As variáveis apresentam-se estatisticamente significativas sendo que na dimensão raiva, obtiveram-se os seguintes valores no teste: ($U = 2.742$; $p < .05$). Para a dimensão culpa, alcançaram-se os seguintes valores no teste: ($U = 2.572$; $p < .05$).

Desta forma, pode ser concluído que a causa de morte interfere na experiência de culpa e raiva. Em suma, a quarta hipótese foi confirmada.

Discussão e conclusão

Esta investigação teve como intuito enriquecer a literatura relativa ao impacto que a perda de um animal de companhia possui nos seus tutores. De modo a refletir sobre este impacto, é necessário analisar os dados resultantes nos testes de hipóteses relacionando-os com a literatura.

Assim sendo, e através dos resultados obtidos na primeira hipótese, pode-se afirmar que quanto maior for o vínculo estabelecido com o animal de companhia, maior será o sofrimento experienciado pelo seu tutor após a sua morte. O luto de um animal de estimação pode, por vezes, tornar-se num luto incompreendido, não reconhecido e por isso negligenciado. Tal pode suceder devido à falta de conhecimento e compreensão da complexidade do vínculo que muitas vezes é estabelecido entre os humanos e os seus animais de companhia (Packman, Field, Carmack, & Ronen, 2011). Assim, quando o tutor estabelece um vínculo forte com o seu animal de estimação, a sua perda pode desencadear recordações de vivências passadas, sofrimento, ansiedade e sintomatologia relacionada com todo este complexo processo (Compitus, 2019). Os resultados da hipótese vão assim ao encontro de estudos como o de Hunt e Padilla (2006) que concluíram que o sofrimento apresenta uma forte correlação positiva com o vínculo estabelecido ao animal de companhia perdido.

A segunda hipótese refere-se à relação entre as reações experienciadas pelo indivíduo durante o processo de luto (culpa, raiva e sofrimento) e a sintomatologia depressiva. O processo de luto pode-se iniciar com negação e descrença, seguido por sentimentos de raiva. De um modo geral, a raiva é direcionada para a pessoa mais disponível, podendo ser essa pessoa o médico veterinário. De seguida, emergem sentimentos de culpa, tristeza, sofrimento, entre outros. Numa fase final deste processo, pode ocorrer a resolução e aceitação da perda (Sharkin, & Bahrck, 1990). A perda de um animal de companhia pode gerar ou intensificar a sintomatologia depressiva do indivíduo enlutado. Este acontecimento pode ser tão intenso quanto a perda de uma pessoa (Toray, 2004). De salientar que, apesar dos indivíduos manifestarem esta sintomatologia, não implica que os participantes estejam realmente deprimidos. No entanto, a tendência para desenvolver esta sintomatologia depressiva é natural devido à carga emocional existente na perda do animal de companhia (Stokes, Planchon, Templer, & Keller, 2002). Através da análise realizada relativa aos resultados obtidos para esta hipótese, bem como com a sua coordenação com a literatura, verifica-se que ambos (resultados e literatura) se encontram e se complementam.

No que se refere à terceira hipótese, encontra-se uma hipótese não corroborada pois parece não existir relação entre a sintomatologia experienciada (ansiedade, depressão e stress) e a aquisição de um novo animal de companhia.

Como referido algumas vezes ao longo deste estudo, após a perda de um animal, o seu tutor pode experienciar diversas emoções, adaptadas ou não ao acontecimento. Deste modo, algumas pessoas poderão procurar conforto psicológico noutra animal de companhia, seja nos outros animais que ainda possuem ou poderão encontrar esse conforto através da aquisição de outro animal (Wong, Lau, Liu, Yuen & Wing-Lok., 2017). Alguns investigadores consideram que a aquisição de um novo animal, num momento adequado para o indivíduo, é uma forma de continuar a sentir amor incondicional e de obter uma solução para a procura de bem-estar (Clements, Benasutti & Carmone, 2003). Assim, e apesar da hipótese não se ter verificado, é provável que outros factores estejam envolvidos, pois não foi correlacionado o tempo em que decorreu a perda do animal e a aquisição do novo. Esse tempo pode ser maior ou menor, o que vai provocar diferenças nos sentimentos experienciados, pois cada indivíduo experiencia tanto a perda como a chegada de um novo animal de modos diferentes. Também o facto de alguns indivíduos possuírem mais animais de companhia à sua responsabilidade, procurando conforto nestes e não através da aquisição de um novo animal possa ter influenciado a não confirmação desta hipótese.

Relativamente à quarta hipótese, pretendia-se verificar a existência de um aumento da experiência de sentimentos de culpa e raiva perante a causa da morte (eutanásia ou morte inesperada) do animal de companhia. Os indivíduos que perderam os seus animais de forma inesperada, apresentaram maiores níveis de culpa e raiva. Ainda que ambos sejam elevados, os níveis de culpa são ligeiramente mais elevados comparativamente com os níveis de raiva. O mesmo não acontece em relação à perda dos animais através do processo de eutanásia, associada a sentimentos de culpa e raiva inferiores aos obtidos quando a causa de morte é inesperada.

Uma razão para estes resultados poderá ser o facto de que quando um indivíduo enfrenta uma morte inesperada do seu animal de companhia, este não tem como se preparar antecipadamente para a despedida do seu animal e daí ter como resultado a sensação de impotência, de que poderia ter feito algo para o salvar, podendo assim experienciar níveis de culpa mais elevados. Por outro lado, quando a causa de morte é decorrente do processo de eutanásia, poderá haver uma ligeira pré-preparação até à tomada de decisão por parte do(s) cuidador(es), o que faz com que os níveis de culpa não sejam tão elevados como os experienciados quando a causa de morte é inesperada.

A eutanásia representa-se como um método eficaz para colocar fim ao sofrimento de um ser vivo. Este método não é tão aceite para o ser humano como é para os animais. A eutanásia é considerada como um procedimento que proporciona alívio aos tutores dos animais (Goldberg, & Brackenridge, 2019). No estudo de Testoni *et al.* (2017), verificou-se que quando o animal falecia de modo inesperado, os níveis de culpa e raiva eram bastante superiores, pelo que, quando o animal era eutanasiado, destacava-se mais a experiência de sofrimento dos tutores.

Este estudo, aliado à literatura anterior já existente, permite fornecer uma perspetiva do impacto que o luto decorrente da morte de um animal de companhia possui nos seus tutores. Este é um tema que ainda provoca algumas reservas, mesmo que, com o decorrer do tempo, se observe uma maior preocupação e cuidado com os animais de companhia. Nesta investigação compreendeu-se assim o impacto associado à perda de um animal salientando a importância do acompanhamento no processo de luto visto que, por ser um luto, deve ser trabalhado de modo a não causar consequências negativas no indivíduo. A perda de um animal de companhia, segundo os resultados deste estudo, está relacionada com a experiência de sintomatologia depressiva e, quanto maior o vínculo estabelecido com o animal de companhia, maior será o sofrimento do tutor. Como observável, o processo de eutanásia proporciona um nível de sentimentos de culpa e raiva inferior comparativamente com a morte inesperada. Apesar de se esperar que a aquisição de um novo animal diminuísse os níveis de sintomatologia depressiva, ansiedade e stress, o mesmo não se confirmou podendo estar diversos fatores relacionados com este resultado.

Implicações práticas

A presente investigação apresenta várias contribuições para a área de estudo em causa. Desde logo, devido à escassez de instrumentos na língua portuguesa para a avaliação do luto animal, foi traduzida e adaptada uma escala da língua inglesa para a língua portuguesa de modo a obter informação mais direcionada ao tema em estudo. Esta adaptação, em estudos futuros, poderá ser benéfica para o crescimento e desenvolvimento da literatura sobre o tema na língua portuguesa.

O luto animal, pode ser considerado um “luto não reconhecido”, visto que é inibido pela sociedade através de um conjunto de “normas” do modo e do momento em que se deve ou não realizar o luto. Desta forma, o luto de um animal torna-se, muitas das vezes, menosprezado e considerado insignificante, deixando aqueles que o enfrentam sem resposta para a sua dor, podendo-se isolar e tentar esquecer o sucedido (Doka, 2002). Após a perda do animal, o tutor

pode lidar com a situação de diversos modos, podendo estes ser inadequados ou ajustados ao indivíduo de modo saudável, estimulando ao crescimento pessoal. Quando a pessoa adquire apoio, geralmente beneficia de resultados positivos. Para além do suporte familiar e dos amigos, é importante a busca de outros apoios, nomeadamente através de grupos ou linhas de apoio, bem como a intervenção essencial do psicólogo (Dunn, Mehler & Greenburg, 2005). Geralmente, quando o indivíduo experimenta uma forte reação de luto, tem a tendência a subestimar a intensidade do seu luto, camuflando a complexidade do mesmo. Neste sentido, os psicólogos fornecem um auxílio na exploração e compreensão do luto. Estes profissionais possuem o papel importante de educar os indivíduos para a aceitação dos sentimentos envolvidos em todo o processo de luto, permitindo assim afirmar e regularizar o luto (Cordaro, 2012). O psicólogo também deve passar ao cliente que as reações sentidas por este, são normais e necessárias para o processo de luto, com o intuito que o indivíduo consiga regressar à sua rotina normal, sem o seu animal e que, durante o seu quotidiano seja cada vez menos doloroso falar ou pensar sobre o animal (Clements, Benasutti, & Carmone, 2003).

Este estudo proporciona uma nova visão sobre a abordagem do luto, apresentando a perspetiva do luto de um animal de companhia, tantas vezes negligenciada. Salienta assim a importância da realização e respeito do luto ocorrido da perda de um animal, que deve ser realizado de forma natural e adequado às necessidades do indivíduo. Assim, como implicação prática, seria importante a sensibilização da população para o tema, evidenciando a importância cada vez mais crescente dos animais junto do ser humano e, por isso, a importância da avaliação e intervenção psicológica para os tutores de animais de companhia em processo de luto, um serviço já em desenvolvimento em Portugal. Este estudo destaca também o vínculo estabelecido entre os humanos e os seus animais de companhia que é notoriamente cada vez mais crescente.

Limitações do estudo

Uma das limitações deste estudo é o intervalo de tempo da perda do animal poder ser considerado um intervalo um pouco extenso (2 anos) para uma análise mais profunda. O facto de não possuir um método qualitativo nesta investigação (entrevista em profundidade), limitou a interpretação de alguns dos resultados, nomeadamente no caso da hipótese 3 não corroborada, onde se poderia compreender, com melhor profundidade, se a aquisição de um novo animal de companhia influenciaria positivamente a sintomatologia experienciada pelo indivíduo num processo de luto. Para além disso, a entrevista poderia fornecer uma melhor descrição, por parte do indivíduo, das reações e sintomatologia experienciadas durante o processo de luto.

Sugestões de estudos futuros

Como proposta de uma futura investigação, propõe-se a extensão deste estudo para um estudo misto (abordagem quantitativa e qualitativa), ou até mesmo com foco apenas na abordagem qualitativa utilizando a entrevista em profundidade como instrumento de avaliação de modo a aprofundar e abordar o tema com maior precisão. É através da entrevista em profundidade que o indivíduo se pode expressar com menos limitações, abordando assim a sua experiência com maior detalhe e liberdade (Ritchie & Lewis, 2003).

Seria também interessante compreender de que modo é que os indivíduos que experienciam a perda de um animal de companhia realizam o seu luto, isto é, que estratégias utilizam de modo a ir em direção à aceitação da sua perda. Poder-se-ia compreender se são as mesmas estratégias utilizadas num luto de uma pessoa, por exemplo. Também se poderia realizar uma comparação com o luto realizado quando ocorre a morte de uma pessoa significativa.

Como foi analisado no decorrer deste estudo, a perda de um animal de companhia pode resultar num processo de sofrimento, pelo que, em alguns casos, o apoio de um psicólogo clínico poderia ser fundamental no auxílio do processo de luto (Cordaro, 2012). Assim, era pertinente confirmar os benefícios do suporte de profissionais de saúde mental em tutores de animais de companhia que experienciam um processo de luto animal.

A realização de um estudo longitudinal permitiria compreender a evolução da sintomatologia associada ao luto. Uma investigação a realizar para obter essa informação, poderia resultar na replicação do estudo em contexto de clínicas veterinárias com os tutores dos animais perdidos. Após a perda do animal, o tutor obteria um acompanhamento, com um determinado período de tempo, de modo a conseguir avaliar a evolução da sua sintomatologia ao longo do tempo.

Alguns médicos veterinários experienciam, com alguma frequência, a morte de animais nos seus ambientes laborais. Estas experiências, aliadas a outros fatores, podem-se tornar demasiado intensas e complexas a nível emocional, pelo que esta é considerada uma das profissões com maior taxa de depressão, burnout e tentativa de suicídio (Avery., 2013; Queiroz 2020). Deste modo, seria pertinente compreender a perspetiva dos médicos veterinários que acompanham e experienciam a morte de vários animais de companhia durante todo o seu percurso profissional. De que forma é que estes acontecimentos influenciam o seu bem-estar psicológico e profissional?

Referências

- Adrian, J. & Stitt, A. (2019). There for You: Attending Pet Euthanasia and Whether this Relates to Complicated Grief and Post-Traumatic Stress Disorder, *Anthrozoös*, 32(5), 701-713, DOI: 10.1080/08927936.2019.1645515
- Avery, A. L. E. X. (2013). Convenience euthanasia'. but at what cost to all involved. *Vet Times*, 1-10.
- Brown, B. H., Richards, H. C., & Wilson, C. A. (1996). Pet bonding and pet bereavement among adolescents. *Journal of Counseling & Development*, 74(5), 505-509.
- Bussolari, C. J., Habarth, J., Katz, R., Phillips, S., Carmack, B., & Packman, W. (2018). The euthanasia decision-making process: A qualitative exploration of bereaved companion animal owners. *Bereavement Care*, 37(3), 101-108.
- Caetano, E. C. S. (2010). As contribuições da TAA–Terapia Assistida por Animais à Psicologia. *Monografia (Trabalho de conclusão de curso) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.*
- Chahér, H. M. (2020). Eutanásia em Animais: a ética e o luto.
- Clements, P. T., Benasutti, K. M., & Carmone, A. (2003). Support for bereaved owners of pets. *Perspectives in psychiatric care*, 39(2), 49-54.
- Compitus, K. (2019). Traumatic pet loss and the integration of attachment-based animal assisted therapy. *Journal of Psychotherapy Integration*, 29(2), 119.
- Cordaro, M. (2012). Pet loss and disenfranchised grief: Implications for mental health counseling practice. *Journal of Mental Health Counseling*, 34(4), 283-294.
- Crawford, E. K., Worsham, N. L., & Swinehart, E. R. (2006). Benefits derived from companion animals, and the use of the term “attachment”. *Anthrozoös*, 19(2), 98-112.

- Davis, H., Irwin, P., Richardson, M., & O'Brien-Malone, A. (2003). When a pet dies: Religious issues, euthanasia and strategies for coping with bereavement. *Anthrozoös*, 16(1), 57-74.
- Doka, K. J. (2002). *Disenfranchised grief: New directions, challenges, and strategies for practice*. Research PressPub.
- Dunn, K. L., Mehler, S. J., & Greenberg, H. S. (2005). Social work with a pet loss support group in a university veterinary hospital, MSW, ACSW. *Social work in health care*, 41(2), 59-70.
- Faraco, C. B. (2008). Interação humano-animal. *Ciência veterinária nos trópicos*, 11(1), 31-35.
- Goldberg, K., & Brackenridge, S. (2019). Following the Loss of a Companion Animal: Aftercare and Pet Loss Support. In *Clinician's Guide to Treating Companion Animal Issues* (pp. 435-456). Academic Press.
- Gómez, L. F., Atehortua, C. G., & Orozco, S. C. (2007). La influencia de las mascotas en la vida humana. *Revista Colombiana de Ciencias Pecuarias*, 20(3), 377-386.
- Gosse, G. H., & Barnes, M. J. (1994). Human grief resulting from the death of a pet. *Anthrozoös*, 7(2), 103-112.
- Hunt, M., & Padilla, Y. (2006). Development of the pet bereavement questionnaire. *Anthrozoös*, 19(4), 308-324.
- Johnson, T. P., Garrity, T. F., & Stallones, L. (1992). Psychometric evaluation of the Lexington attachment to pets scale (LAPS). *Anthrozoös*, 5(3), 160-175.
- King, L. C., & Werner, P. D. (2012). Attachment, social support, and responses following the death of a companion animal. *OMEGA-Journal of Death and Dying*, 64(2), 119-141.

- Lagoni, L. (2011). Family-present euthanasia: Protocols for planning and preparing clients for the death of a pet. In *The Psychology of the Human-Animal Bond* (pp. 181-202). Springer, New York, NY.
- Marôco, J. (2014). *Análise Estatística com o SPSS Statistics.: 6a edição*. ReportNumber, Lda.
- Miranda, M. I. L. D. A. R. (2011). A importância do vínculo para os donos de cães e gatos nas famílias portuguesas.
- Oliveira, D. D., & Franco, M. H. P. (2015). Luto pela perda de animal. In *O resgate da empatia: suporte psicológico ao luto não reconhecido*. Summus Editorial.
- Oliveira, D. D. (2013). O luto pela morte do animal de estimação e o reconhecimento da perda.
- Oliveira, H. P., Alves, G. E. S., & Rezende, C. M. D. F. (2003). Eutanásia em medicina veterinária. *Escola de Veterinária, 1*, 1-14.
- Packman, W., Carmack, B. J., Katz, R., Carlos, F., Field, N. P., & Landers, C. (2014). Online survey as empathic bridging for the disenfranchised grief of pet loss. *OMEGA-Journal of Death and Dying, 69*(4), 333-356.
- Packman, W., Field, N. P., Carmack, B. J., & Ronen, R. (2011). Continuing bonds and psychosocial adjustment in pet loss. *Journal of Loss and Trauma, 16*(4), 341-357.
- Pinto, N. S. (2018). Bem-estar animal: relação homem-animal no conceito da humanização de animais.
- Queiroz, C. A. (2020). Suicídio e Saúde Mental em Profissionais de Veterinária: uma revisão narrativa e uma visão sobre Portugal.
- Ramos, V. A. B. (2016). O processo de luto. *Psicologia-Portal do psicólogo*.

- Ribeiro, J. L. P., Honrado, A. A. J. D., & Leal, I. (2004). Contribuição para o estudo da adaptação portuguesa das escalas de ansiedade, depressão e stress (EADS) de 21 itens de Lovibond e Lovibond.
- Ritchie, J. & Lewis, J. (2003). *Qualitative research practice: A guide for social science students and researchers*. London: Sage.
- Sharkin, B. S., & Bahrck, A. S. (1990). Pet loss: Implications for counselors. *Journal of Counseling & Development*, 6, 306-308.
- Stephens, D. L., & Hill, R. P. (1996). The loss of animal companions: a humanistic and consumption perspective. *Society & Animals*, 4(2), 189-210.
- Stokes, S., Planchon, L., Templer, D., & Keller, J. (2002). Death of a companion cat or dog and human bereavement: Psychosocial variables. *Society & Animals*, 10(1), 93-105.
- Testoni, I., De Cataldo, L., Ronconi, L., & Zamperini, A. (2017). Pet loss and representations of death, attachment, depression, and euthanasia. *Anthrozoös*, 30(1), 135-148.
- Toray, T. (2004). The Human-Animal Bond and Loss: *Providing Support for Grieving Clients*. *Journal of Mental Health Counseling*, 26(3).
- Wong, P. W., Lau, K. C., Liu, L. L., Yuen, G. S., & Wing-Lok, P. (2017). Beyond recovery: Understanding the postbereavement growth from companion animal loss. *OMEGA-Journal of Death and Dying*, 75(2), 103-123.
- Zilcha-Mano, S., Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2012). Pets as safe havens and secure bases: The moderating role of pet attachment orientations. *Journal of Research in Personality*, 46(5), 571-580.

Anexos

Anexo A – Processo de tradução da escala *Pet Bereavement Questionnaire* (PBQ) (Hunt, & Padilla, 2006) de inglês para português.

ITEM	VERSÃO ORIGINAL	VERSÃO TRADUZIDA - PORTUGUÊS	RETROTRADUÇÃO
1	I feel angry at the veterinarian for not being able to save my pet	Sinto-me zangado/a com o meu/minha veterinário/a por não ter conseguido salvar o meu animal de companhia.	I feel angry with my vet for not being able to save my pet
2	I am very upset about my pet's death	Estou muito perturbado/a com a morte do meu animal de companhia.	I am very disturbed by the death of my pet
3	My life feels empty without my pet	A minha vida parece vazia sem o meu animal de companhia.	My life seems empty without my pet
4	I have had nightmares about my pet's death	Tenho tido pesadelos relativos à morte do meu animal de companhia.	I have been having nightmares about my pet's death
5	I feel lonely without my pet	Sinto-me sozinho/a sem o meu animal de companhia.	I feel alone without my pet
6	I should have known that something bad could have happened to my pet	Eu deveria ter percebido que algo mau podia acontecer ao meu animal de companhia.	I should have realized that something bad could happen to my pet
7	I miss my pet enormously	Sinto imensa falta do meu animal de companhia.	I really miss my pet
8	I feel very guilty for not taking better care of my pet	Sinto-me muito culpado/a por não ter cuidado melhor do meu animal de companhia.	I feel very guilty for not taking better care of my pet

9	I feel bad that I didn't do more to save my pet	Sinto-me mal por não ter feito mais para poder salvar o meu animal de companhia.	I feel bad for not having done more to save my pet
10	I cry when I think about my pet	Choro quando penso no meu animal de companhia.	I cry when I think about my pet
11	I am angry at other people for contributing to the death of my pet	Sinto-me zangado/a com as outras pessoas por contribuírem para a morte do meu animal de companhia.	I feel angry at other people for contributing to my pet's death
12	I am very sad about the death of my pet	Sinto-me muito triste com a morte do meu animal de companhia.	I feel very sad about my pet's death
13	I am angry at my friends/family for not being more helpful	Sinto-me zangado/a com os meus amigos/familiares por não terem ajudado mais.	I feel angry with my friends/family for not having helped more
14	Memories of my pet's last moments haunt me	Memórias dos últimos momentos do meu animal de companhia assombram-me.	The memories of my pet's last moments haunt me
15	I'll never get over the loss of my pet	Nunca irei superar a perda do meu animal de companhia.	I will never overcome the loss of my pet
16	I wish I had shown my pet more love	Gostava de ter mostrado mais amor ao meu animal de companhia	I wish I had shown more love to my pet

Anexo B – Questionário *Online*

Estudo sobre as reações à perda de um animal de companhia

Secção 1 de 6

O presente estudo, realizado no âmbito da dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia Clínica, tem como objetivo compreender o impacto, a nível psicológico, da perda de um animal de companhia.

Se tem idade igual ou superior a 18 anos, reside em Portugal e perdeu um animal de companhia nos últimos dois anos, pode participar neste estudo, através do preenchimento deste questionário online.

A sua participação é voluntária, podendo desistir a qualquer momento. O preenchimento deste questionário é de carácter anónimo, sendo que terá a garantia da confidencialidade de todos os dados recolhidos, que serão usados exclusivamente para fins académicos e científicos.

Investigadora responsável: Inês Jerónimo

Orientador: Prof. Dr. António Gonzalez

Se tiver alguma dúvida pode contactar o seguinte e-mail: 24389@alunos.ispa.pt

Com o apoio de Mauro Paulino e Sofia Gabriel da Mind | Instituto de Psicologia Clínica e Forense

Consentimento informado

Li o consentimento informado, aceito e concordo em participar neste estudo.

Secção 2 de 6: Questionário Sociodemográfico

Idade (em algarismo): _____

Género:

- Feminino
- Masculino
- Outro

Nível de escolaridade:

- 1º ano
- 2º ano
- 3º ano
- 4º ano
- 5º ano
- 6º ano
- 7º ano
- 8º ano
- 9º ano
- 10º ano
- 11º ano
- 12º ano
- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento
- Outro

Estado Civil:

- Solteiro/a
- Casado/a
- União de Facto
- Divorciado/a
- Viúvo/a

Tem filhos?

- Sim
- Não

Se respondeu SIM à questão anterior, indique quantos filhos tem (em algarismo). Se respondeu NÃO, responda 0 (zero).

Atualmente tem algum animal de companhia?

- Sim
- Não

Se respondeu SIM à questão anterior, indique, de seguida, quantos animais de companhia possui atualmente (em algarismo). Se respondeu NÃO ou se não possui o animal de companhia apresentado, responda 0 (zero).

Cão

Indique, em algarismo, quantos cães tem atualmente.

Gato

Indique, em algarismo, quantos gatos tem atualmente.

Coelho

Indique, em algarismo, quantos coelhos tem atualmente.

Pássaro

Indique, em algarismo, quantos pássaros tem atualmente.

Hamster

Indique, em algarismo, quantos hamsters tem atualmente.

Furão

Indique, em algarismo, quantos furões tem atualmente.

Outro

Indique, em algarismo, a quantidade de outros animais não descritos anteriormente que tem.

Secção 3 de 6: Relativamente ao animal de companhia que perdeu

Para esta secção, recorde o animal de companhia que perdeu nos últimos 2 anos.

Que animal perdeu?

- | | |
|----------------------------------|--------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Cão | <input type="checkbox"/> Hamster |
| <input type="checkbox"/> Gato | <input type="checkbox"/> Furão |
| <input type="checkbox"/> Coelho | <input type="checkbox"/> Outro _____ |
| <input type="checkbox"/> Pássaro | |

Idade do animal de companhia quando o acolheu.

- | | |
|---|----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Menor ou igual a 2 meses | <input type="checkbox"/> 5 anos |
| <input type="checkbox"/> 3-5 meses | <input type="checkbox"/> 6 anos |
| <input type="checkbox"/> 6-9 meses | <input type="checkbox"/> 7 anos |
| <input type="checkbox"/> 10-12 meses | <input type="checkbox"/> 8 anos |
| <input type="checkbox"/> 1 ano | <input type="checkbox"/> 9 anos |
| <input type="checkbox"/> 2 anos | <input type="checkbox"/> 10 anos |
| <input type="checkbox"/> 3 anos | <input type="checkbox"/> 11 anos |
| <input type="checkbox"/> 4 anos | <input type="checkbox"/> 12 anos |

Idade do animal quando faleceu

- | | | |
|----------------------------------|----------------------------------|----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> ≤ 1 ano | <input type="checkbox"/> 7 anos | <input type="checkbox"/> 13 anos |
| <input type="checkbox"/> 2 anos | <input type="checkbox"/> 8 anos | <input type="checkbox"/> 14 anos |
| <input type="checkbox"/> 3 anos | <input type="checkbox"/> 9 anos | <input type="checkbox"/> 15 anos |
| <input type="checkbox"/> 4 anos | <input type="checkbox"/> 10 anos | <input type="checkbox"/> 16 anos |
| <input type="checkbox"/> 5 anos | <input type="checkbox"/> 11 anos | <input type="checkbox"/> 17 anos |
| <input type="checkbox"/> 6 anos | <input type="checkbox"/> 12 anos | |

Há quanto tempo ocorreu a perda?

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> 0 a 6 meses | <input type="checkbox"/> 19 a 24 meses |
| <input type="checkbox"/> 7 a 12 meses | <input type="checkbox"/> + de 24 meses |
| <input type="checkbox"/> 13 a 18 meses | |

Quão significativo era o seu animal para si?

- | | | | | | | | | |
|--------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|----------------------------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | |
| Nada significativo | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Extremamente significativo |

Causa da morte do animal.

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Morte inesperada | <input type="checkbox"/> Doença prolongada |
| <input type="checkbox"/> Eutanásia | <input type="checkbox"/> Acidente |
| <input type="checkbox"/> Idade avançada | <input type="checkbox"/> Outra opção _____ |

O seu animal de companhia tinha por hábito dormir consigo na sua cama?

- Sim
 Não

Vivia sozinho quando perdeu o seu animal de companhia?

- Sim
 Não

Comprou ou adotou outro animal de companhia após a morte do animal que motivou a sua participação nesta investigação?

- Sim
 Não

Se respondeu SIM à questão anterior, indique que animal de companhia adquiriu. Se respondeu NÃO, selecione por favor a opção “Não aplicável”.

- | | |
|--|--------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Não aplicável | <input type="checkbox"/> Pássaro |
| <input type="checkbox"/> Cão | <input type="checkbox"/> Hamster |
| <input type="checkbox"/> Gato | <input type="checkbox"/> Furão |
| <input type="checkbox"/> Coelho | <input type="checkbox"/> Outro _____ |

Quanto tempo depois adquiriu um novo animal de companhia após a morte do animal que motivou a sua participação nesta investigação? Se não adquiriu nenhum animal de companhia, selecione a opção “Não aplicável”.

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Não aplicável | <input type="checkbox"/> Entre 12 a 15 meses depois |
| <input type="checkbox"/> Entre 0 a 3 meses depois | <input type="checkbox"/> Entre 16 a 20 meses depois |
| <input type="checkbox"/> Entre 4 a 7 meses depois | <input type="checkbox"/> Entre 21 a 23 meses depois |
| <input type="checkbox"/> Entre 8 a 11 meses depois | <input type="checkbox"/> 2 anos depois |

Secção 4 de 6: Factores psicológicos associados à perda de um animal de companhia

De seguida, encontra um conjunto de afirmações referentes à perda do seu animal de companhia à qual se referiu na secção anterior. Responda, de acordo com a escala disponibilizada (de "Discordo Totalmente" a "Concordo Totalmente"), assinalando a opção que melhor reflete o seu grau de concordância.

	Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente
Sinto-me zangado/a com o meu/minha veterinário/a por não ter conseguido salvar o meu animal de companhia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estou muito perturbado/a com a morte do meu animal de companhia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A minha vida parece vazia sem o meu animal de companhia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tenho tido pesadelos relativos à morte do meu animal de companhia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto-me sozinho/a sem o meu animal de companhia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu deveria ter percebido que algo mau podia acontecer ao meu animal de companhia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto imensa falta do meu animal de companhia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto-me muito culpado/a por não ter cuidado melhor do meu animal de companhia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto-me mal por não ter feito mais para poder salvar o meu animal de companhia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Choro quando penso no meu animal de companhia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto-me zangado/a com as outras pessoas por contribuírem para a morte do meu animal de companhia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto-me muito triste com a morte do meu animal de companhia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto-me zangado/a com os meus amigos/familiares por não terem ajudado mais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Memórias dos últimos momentos do meu animal de companhia assombram-me.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Nunca irei superar a perda do meu animal de companhia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Gostava de ter mostrado mais amor ao meu animal de companhia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Secção 5 de 6: relação humano-animal de companhia.

De seguida, encontra um conjunto de afirmações referentes à relação estabelecida com o seu animal de companhia. Responda, de acordo com a escala disponibilizada (de "Discordo plenamente" a "Concordo plenamente"), assinalando a opção que melhor reflete o seu grau de concordância.

	Discordo plenamente	Discordo	Concordo	Concordo plenamente
O meu animal de companhia significava mais para mim do que qualquer um dos meus amigos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Muitas vezes confidenciava com o meu animal de companhia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu acredito que os animais de companhia deveriam ter os mesmos direitos e privilégios que os membros da família.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu acredito que o meu animal de companhia era o meu melhor amigo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Muitas vezes, os meus sentimentos acerca das pessoas eram influenciados pela forma como reagiam ao meu animal de companhia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu adorava o meu animal de companhia porque ele/ela era mais leal do que a maioria das pessoas que eu conheço.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu gosto de mostrar a outras pessoas fotografias do meu animal de companhia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu penso que o meu animal de companhia era apenas um animal de companhia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu adorava o meu animal de companhia porque ele nunca me julgava.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O meu animal sabia quando me sentia mal.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu falo muitas vezes com outras pessoas acerca do meu animal de companhia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O meu animal de companhia compreendia-me.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu acredito que gostar dos meus animais de companhia ajuda a manter-me saudável.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os animais de companhia merecem tanto respeito como os humanos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu e o meu animal de companhia tínhamos uma relação muito próxima.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu faria quase tudo para cuidar do meu animal de companhia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

	Discordo plenamente	Discordo	Concordo	Concordo plenamente
Eu brincava muitas vezes com o meu animal de companhia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu considero que o meu animal de companhia era uma grande companhia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O meu animal de companhia faz-me sentir feliz.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu sinto que o meu animal de companhia fazia parte da minha família.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu não era muito próximo/a do meu animal de companhia.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ser dono do meu animal de companhia fazia parte da minha felicidade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eu considero que o meu animal de companhia era um amigo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Secção 6

Por favor leia cada uma das afirmações abaixo e assinale 0, 1, 2 ou 3 para indicar quanto cada afirmação se aplicou a si durante a semana passada. Não há respostas certas ou erradas. Não leve muito tempo a indicar a sua resposta em cada afirmação. A classificação é a seguinte:

0 – não se aplicou nada a mim

2 – aplicou-se a mim de muitas vezes

1 – aplicou-se a mim algumas vezes

3 – aplicou-se a mim a maior parte das vezes

	1	2	3	4
Tive dificuldades em me acalmar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Senti a minha boca seca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não consegui sentir nenhum sentimento positivo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Senti dificuldades em respirar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tive dificuldade em tomar iniciativa para fazer coisas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tive tendência a reagir em demasia em determinadas situações	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Senti tremores (por ex., nas mãos)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Senti que estava a utilizar muita energia nervosa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Preocupei-me com situações em que podia entrar em pânico e fazer figura ridícula	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Senti que não tinha nada a esperar do futuro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Dei por mim a ficar agitado/a	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Senti dificuldade em me relaxar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Senti-me desanimado e melancólico	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estive intolerante em relação a qualquer coisa que me impedisse de terminar aquilo que estava a fazer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Senti-me quase a entrar em pânico	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Não fui capaz de ter entusiasmo por nada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Senti que não tinha muito valor como pessoa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Senti que por vezes estava sensível	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Senti alterações no meu coração sem fazer exercício físico	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Senti-me assustado sem ter tido uma boa razão para isso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Senti que a vida não tinha sentido	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Anexo C – Escala *Pet Bereavement Questionnaire* (Hunt, & Padilla, 2006)

Pet Bereavement Questionnaire (Hunt, & Padilla, 2006) ($\alpha = .886$)

1. Sinto-me zangado/a com o meu/minha veterinário/a por não ter conseguido salvar o meu animal de companhia.
 2. Estou muito perturbado/a com a morte do meu animal de companhia.
 3. A minha vida parece vazia sem o meu animal de companhia.
 4. Tenho tido pesadelos relativos à morte do meu animal de companhia.
 5. Sinto-me sozinho/a sem o meu animal de companhia.
 6. Eu deveria ter percebido que algo mau podia acontecer ao meu animal de companhia.
 7. Sinto imensa falta do meu animal de companhia.
 8. Sinto-me muito culpado/a por não ter cuidado melhor do meu animal de companhia.
 9. Sinto-me mal por não ter feito mais para poder salvar o meu animal de companhia.
 10. Choro quando penso no meu animal de companhia.
 11. Sinto-me zangado/a com as outras pessoas por contribuírem para a morte do meu animal de companhia.
 12. Sinto-me muito triste com a morte do meu animal de companhia.
 13. Sinto-me zangado/a com os meus amigos/familiares por não terem ajudado mais.
 14. Memórias dos últimos momentos do meu animal de companhia assombram-me.
 15. Nunca irei superar a perda do meu animal de companhia.
 16. Gostava de ter mostrado mais amor ao meu animal de companhia.
-

Anexo D – Escala *Lexington Attachment to Pets Scale* (Johnson, et al., 1992)

Lexington Attachment to Pets Scale (Johnson, et al., 1992) ($\alpha = .948$)

1. O meu animal de companhia significava mais para mim do que qualquer um dos meus amigos.
 2. Muitas vezes confidenciava com o meu animal de companhia.
 3. Eu acredito que os animais de companhia deveriam ter os mesmos direitos e privilégios que os membros da família
 4. Eu acredito que o meu animal de companhia era o meu melhor amigo.
 5. Muitas vezes, os meus sentimentos acerca das pessoas eram influenciados pela forma como reagiam ao meu animal de companhia.
 6. Eu adorava o meu animal de companhia porque ele/ela era mais leal do que a maioria das pessoas que eu conheço.
 7. Eu gosto de mostrar a outras pessoas fotografias do meu animal de companhia.
 8. Eu penso que o meu animal de companhia era apenas um animal de companhia*
 9. Eu adorava o meu animal de companhia porque ele nunca me julgava.
 10. O meu animal sabia quando me sentia mal.
 11. Eu falo muitas vezes com outras pessoas acerca do meu animal de companhia.
 12. O meu animal de companhia compreendia-me.
 13. Eu acredito que gostar dos meus animais de companhia ajuda a manter-me saudável.
 14. Os animais de companhia merecem tanto respeito como os humanos.
 15. Eu e o meu animal de companhia tínhamos uma relação muito próxima.
 16. Eu faria quase tudo para cuidar do meu animal de companhia.
 17. Eu brincava muitas vezes com o meu animal de companhia.
 18. Eu considero que o meu animal de companhia era uma grande companhia.
 19. O meu animal de companhia fazia-me sentir feliz.
 20. Eu sinto que o meu animal de companhia fazia parte da minha família.
 21. Eu não era muito próximo/a do meu animal de companhia*
 22. Ser dono do meu animal de companhia fazia parte da minha felicidade.
 23. Eu considero que o meu animal de companhia era um amigo.
-

*itens invertidos

Anexo E – Escalas de Ansiedade Depressão e Stress (EADS) (Ribeiro, et al., 2004)

Escalas de Ansiedade Depressão e Stress (Ribeiro, et al., 2004) ($\alpha = .963$)

1. Tive dificuldades em me acalmar.
 2. Senti a minha boca seca.
 3. Não consegui sentir nenhum sentimento positivo.
 4. Senti dificuldades em respirar.
 5. Tive dificuldade em tomar iniciativa para fazer coisas.
 6. Tive tendência a reagir em demasia em determinadas situações.
 7. Senti tremores (por ex., nas mãos).
 8. Senti que estava a utilizar muita energia nervosa.
 9. Preocupei-me com situações em que podia entrar em pânico e fazer figura ridícula.
 10. Senti que não tinha nada a esperar do futuro.
 11. Dei por mim a ficar agitado/a.
 12. Senti dificuldade em me relaxar.
 13. Senti-me desanimado/a e melancólico/a.
 14. Estive intolerante em relação a qualquer coisa que me impedisse de terminar aquilo que estava a fazer.
 15. Senti-me quase a entrar em pânico.
 16. Não fui capaz de ter entusiasmo por nada.
 17. Senti que não tinha muito valor como pessoa.
 18. Senti que por vezes estava sensível.
 19. Senti alterações no meu coração sem fazer exercício físico
 20. Senti-me assustado sem ter tido uma boa razão para isso.
 21. Senti que a vida não tinha sentido.
-

Anexo F – Estatística Descritiva da amostra

Idade

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	18	10	3.5	3.5	3.5
	19	6	2.1	2.1	5.6
	20	13	4.5	4.5	10.1
	21	8	2.8	2.8	12.9
	22	9	3.1	3.1	16.1
	23	20	7.0	7.0	23.1
	24	17	5.9	5.9	29.0
	25	9	3.1	3.1	32.2
	26	7	2.4	2.4	34.6
	27	7	2.4	2.4	37.1
	28	3	1.0	1.0	38.1
	29	7	2.4	2.4	40.6
	30	5	1.7	1.7	42.3
	31	6	2.1	2.1	44.4
	32	11	3.8	3.8	48.3
	33	2	.7	.7	49.0
	34	4	1.4	1.4	50.3
	35	4	1.4	1.4	51.7
	36	2	.7	.7	52.4
	37	5	1.7	1.7	54.2
	38	3	1.0	1.0	55.2
	39	3	1.0	1.0	56.3
	40	6	2.1	2.1	58.4
	41	2	.7	.7	59.1
	42	8	2.8	2.8	61.9
	43	8	2.8	2.8	64.7
	44	6	2.1	2.1	66.8
	45	11	3.8	3.8	70.6

46	7	2.4	2.4	73.1
47	12	4.2	4.2	77.3
48	10	3.5	3.5	80.8
49	5	1.7	1.7	82.5
50	12	4.2	4.2	86.7
51	6	2.1	2.1	88.8
52	6	2.1	2.1	90.9
53	5	1.7	1.7	92.7
54	3	1.0	1.0	93.7
55	1	.3	.3	94.1
56	1	.3	.3	94.4
57	2	.7	.7	95.1
58	3	1.0	1.0	96.2
59	1	.3	.3	96.5
60	1	.3	.3	96.9
63	3	1.0	1.0	97.9
64	2	.7	.7	98.6
67	1	.3	.3	99.0
69	1	.3	.3	99.3
70	1	.3	.3	99.7
78	1	.3	.3	100.0
Total	286	100.0	100.0	

Género

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Feminino	243	85.0	85.0	85.0
	Masculino	43	15.0	15.0	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Nível de escolaridade

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	12º ano	71	24.8	24.8	24.8
	6º ano	1	.3	.3	25.2
	8º ano	2	.7	.7	25.9
	9º ano	4	1.4	1.4	27.3
	Doutoramento	9	3.1	3.1	30.4
	Licenciatura	117	40.9	40.9	71.3
	Mestrado	80	28.0	28.0	99.3
	Outro	2	.7	.7	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Estado Civil

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Casado/a	77	26.9	26.9	26.9
	Divorciado/a	20	7.0	7.0	33.9
	Solteiro/a	151	52.8	52.8	86.7
	União de Facto	36	12.6	12.6	99.3
	Viúvo/a	2	.7	.7	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Atualmente tem algum animal de estimação?

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Não	41	14.3	14.3	14.3
	Sim	245	85.7	85.7	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Que animal perdeu?

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Cão	166	58.0	58.0	58.0
	Coelho	4	1.4	1.4	59.4
	Furão	1	.3	.3	59.8
	Gato	102	35.7	35.7	95.5
	Gerbil	1	.3	.3	95.8
	Hamster	5	1.7	1.7	97.9
	Pássaro	3	1.0	1.0	99.3
	Porco da índia	2	.7	.7	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Causa da morte

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Morte inesperada	69	24.1	24.1	24.1
	Eutanásia	99	34.6	34.6	58.7
	Idade avançada	32	11.2	11.2	69.9
	Doença prolongada	56	19.6	19.6	89.5
	Acidente	17	5.9	5.9	95.5
	Outra doença	13	4.5	4.5	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Comprou ou adquiriu outro animal de companhia após a morte do animal que motivou a sua participação nesta investigação?

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	Não	151	52.8	52.8	52.8
	Sim	135	47.2	47.2	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Anexo G – Análise da sensibilidade das escalas por item e estatísticas descritivas (PBQ e LAPS)

Sensibilidade por itens - *Pet Bereavement Questionnaire* (Hunt, & Padilla, 2006)

	Mínimo	Máximo	Média	Assimetria	Curtose
Item 1	0	3	.36	2.135	4.223
Item 2	0	3	1.72	-.227	-.820
Item 3	0	3	1.78	-.364	-.828
Item 4	0	3	.84	.801	-.194
Item 5	0	3	1.50	.013	-.845
Item 6	0	3	1.20	.237	-1.189
Item 7	0	3	2.45	-1.483	1.474
Item 8	0	3	.98	.735	-.910
Item 9	0	3	1.00	.691	-1.030
Item 10	0	3	1.80	-.404	-.948
Item 11	0	3	.45	1.948	2.979
Item 12	0	3	2.29	-1.160	.399
Item 13	0	3	.38	1.979	3.630
Item 14	0	3	1.01	.622	-.722
Item 15	0	3	1.26	.284	-.901
Item 16	0	3	1.14	.479	-1.197

Sensibilidade por itens - *Lexington Attachment to Pets Scale* (Johnson, et al., 1992)

	Mínimo	Máximo	Média	Assimetria	Curtose
Item 1	0	3	1.72	-.319	-.915
Item 2	0	3	1.95	-.648	-.793
Item 3	0	3	2.16	-.801	-.286
Item 4	0	3	2.04	-.743	-.500
Item 5	0	3	1.77	-.413	-1.016
Item 6	0	3	2.14	-.879	-.059
Item 7	0	3	2.18	-.952	-.287
Item 8	0	3	2.65	-1.903	2.800

Item 9	0	3	1.89	-.469	-.958
Item 10	0	3	2.42	-1.416	1.296
Item 11	0	3	2.12	-.774	-.343
Item 12	0	3	2.17	-.866	.013
Item 13	0	3	2.54	-1.680	2.696
Item 14	0	3	2.72	-2.567	6.794
Item 15	0	3	2.61	-1.920	3.278
Item 16	0	3	2.64	-2.054	4.037
Item 17	0	3	2.57	-1.732	2.608
Item 18	0	3	2.72	-2.574	6.956
Item 19	0	3	2.72	-2.619	7.623
Item 20	0	3	2.75	-2.714	7.521
Item 21	0	3	2.78	-3.164	9.624
Item 22	0	3	2.53	-1.825	2.802
Item 23	0	3	2.64	-2.170	4.434

Estatística descritiva *Pet Bereavement Questionnaire (PBQ)*

Item 1 *Pet Bereavement Questionnaire*

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	213	74.5	74.5	74.5
	1	51	17.8	17.8	92.3
	2	14	4.9	4.9	97.2
	3	8	2.8	2.8	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 2 *Pet Bereavement Questionnaire*

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	31	10.8	10.8	10.8
	1	82	28.7	28.7	39.5
	2	109	38.1	38.1	77.6
	3	64	22.4	22.4	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 3 *Pet Bereavement Questionnaire*

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	35	12.2	12.2	12.2
	1	67	23.4	23.4	35.7
	2	110	38.5	38.5	74.1
	3	74	25.9	25.9	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 4 Pet Bereavement Questionnaire

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	122	42.7	42.7	42.7
	1	103	36.0	36.0	78.7
	2	45	15.7	15.7	94.4
	3	16	5.6	5.6	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 5 Pet Bereavement Questionnaire

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	43	15.0	15.0	15.0
	1	101	35.3	35.3	50.3
	2	98	34.3	34.3	84.6
	3	44	15.4	15.4	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 6 Pet Bereavement Questionnaire

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	99	34.6	34.6	34.6
	1	74	25.9	25.9	60.5
	2	71	24.8	24.8	85.3
	3	42	14.7	14.7	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 7 Pet Bereavement Questionnaire

		Frequência	Percentagem	Percentagem	Percentagem
				válida	acumulativa
Válido	0	13	4.5	4.5	4.5
	1	23	8.0	8.0	12.6
	2	73	25.5	25.5	38.1
	3	177	61.9	61.9	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 8 Pet Bereavement Questionnaire

		Frequência	Percentagem	Percentagem	Percentagem
				válida	acumulativa
Válido	0	136	47.6	47.6	47.6
	1	66	23.1	23.1	70.6
	2	38	13.3	13.3	83.9
	3	46	16.1	16.1	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 9 Pet Bereavement Questionnaire

		Frequência	Percentagem	Percentagem	Percentagem
				válida	acumulativa
Válido	0	138	48.3	48.3	48.3
	1	59	20.6	20.6	68.9
	2	40	14.0	14.0	82.9
	3	49	17.1	17.1	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 10 Pet Bereavement Questionnaire

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	40	14.0	14.0	14.0
	1	61	21.3	21.3	35.3
	2	100	35.0	35.0	70.3
	3	85	29.7	29.7	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 11 Pet Bereavement Questionnaire

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	203	71.0	71.0	71.0
	1	54	18.9	18.9	89.9
	2	12	4.2	4.2	94.1
	3	17	5.9	5.9	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 12 Pet Bereavement Questionnaire

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	20	7.0	7.0	7.0
	1	30	10.5	10.5	17.5
	2	83	29.0	29.0	46.5
	3	153	53.5	53.5	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 13 Pet Bereavement Questionnaire

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	206	72.0	72.0	72.0
	1	58	20.3	20.3	92.3
	2	15	5.2	5.2	97.6
	3	7	2.4	2.4	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 14 Pet Bereavement Questionnaire

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	110	38.5	38.5	38.5
	1	93	32.5	32.5	71.0
	2	53	18.5	18.5	89.5
	3	30	10.5	10.5	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 15 Pet Bereavement Questionnaire

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	71	24.8	24.8	24.8
	1	105	36.7	36.7	61.5
	2	74	25.9	25.9	87.4
	3	36	12.6	12.6	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 16 *Pet Bereavement Questionnaire*

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	114	39.9	39.9	39.9
	1	70	24.5	24.5	64.3
	2	51	17.8	17.8	82.2
	3	51	17.8	17.8	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Estatística descritiva *Lexington Attachment to Pets Scale (LAPS)*

Item 1 *Lexington Attachment to Pets Scale*

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	41	14.3	14.3	14.3
	1	67	23.4	23.4	37.8
	2	108	37.8	37.8	75.5
	3	70	24.5	24.5	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 2 *Lexington Attachment to Pets Scale*

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	40	14.0	14.0	14.0
	1	43	15.0	15.0	29.0
	2	93	32.5	32.5	61.5
	3	110	38.5	38.5	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 3 *Lexington Attachment to Pets Scale*

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	17	5.9	5.9	5.9
	1	47	16.4	16.4	22.4
	2	96	33.6	33.6	55.9
	3	126	44.1	44.1	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 4 *Lexington Attachment to Pets Scale*

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	30	10.5	10.5	10.5
	1	43	15.0	15.0	25.5
	2	99	34.6	34.6	60.1
	3	114	39.9	39.9	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 5 *Lexington Attachment to Pets Scale*

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	48	16.8	16.8	16.8
	1	53	18.5	18.5	35.3
	2	101	35.3	35.3	70.6
	3	84	29.4	29.4	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 6 Lexington Attachment to Pets Scale

		Frequência	Percentagem	Percentagem	Percentagem
				válida	acumulativa
Válido	0	22	7.7	7.7	7.7
	1	37	12.9	12.9	20.6
	2	107	37.4	37.4	58.0
	3	120	42.0	42.0	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 7 Lexington Attachment to Pets Scale

		Frequência	Percentagem	Percentagem	Percentagem
				válida	acumulativa
Válido	0	27	9.4	9.4	9.4
	1	39	13.6	13.6	23.1
	2	75	26.2	26.2	49.3
	3	145	50.7	50.7	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 8 Lexington Attachment to Pets Scale

		Frequência	Percentagem	Percentagem	Percentagem
				válida	acumulativa
Válido	0	3	1.0	1.0	1.0
	1	23	8.0	8.0	9.1
	2	44	15.4	15.4	24.5
	3	216	75.5	75.5	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 9 Lexington Attachment to Pets Scale

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	35	12.2	12.2	12.2
	1	62	21.7	21.7	33.9
	2	88	30.8	30.8	64.7
	3	101	35.3	35.3	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 10 Lexington Attachment to Pets Scale

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	14	4.9	4.9	4.9
	1	23	8.0	8.0	12.9
	2	79	27.6	27.6	40.6
	3	170	59.4	59.4	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 11 Lexington Attachment to Pets Scale

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	20	7.0	7.0	7.0
	1	47	16.4	16.4	23.4
	2	98	34.3	34.3	57.7
	3	121	42.3	42.3	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 12 Lexington Attachment to Pets Scale

		Frequência	Percentagem	Percentagem	Percentagem
				válida	acumulativa
Válido	0	17	5.9	5.9	5.9
	1	39	13.6	13.6	19.6
	2	109	38.1	38.1	57.7
	3	121	42.3	42.3	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 13 Lexington Attachment to Pets Scale

		Frequência	Percentagem	Percentagem	Percentagem
				válida	acumulativa
Válido	0	8	2.8	2.8	2.8
	1	14	4.9	4.9	7.7
	2	80	28.0	28.0	35.7
	3	184	64.3	64.3	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 14 Lexington Attachment to Pets Scale

		Frequência	Percentagem	Percentagem	Percentagem
				válida	acumulativa
Válido	0	6	2.1	2.1	2.1
	1	9	3.1	3.1	5.2
	2	44	15.4	15.4	20.6
	3	227	79.4	79.4	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 15 Lexington Attachment to Pets Scale

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	7	2.4	2.4	2.4
	1	17	5.9	5.9	8.4
	2	57	19.9	19.9	28.3
	3	205	71.7	71.7	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 16 Lexington Attachment to Pets Scale

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	6	2.1	2.1	2.1
	1	14	4.9	4.9	7.0
	2	56	19.6	19.6	26.6
	3	210	73.4	73.4	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 17 Lexington Attachment to Pets Scale

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	7	2.4	2.4	2.4
	1	18	6.3	6.3	8.7
	2	67	23.4	23.4	32.2
	3	194	67.8	67.8	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 18 Lexington Attachment to Pets Scale

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	6	2.1	2.1	2.1
	1	8	2.8	2.8	4.9
	2	46	16.1	16.1	21.0
	3	226	79.0	79.0	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 19 Lexington Attachment to Pets Scale

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	6	2.1	2.1	2.1
	1	5	1.7	1.7	3.8
	2	51	17.8	17.8	21.7
	3	224	78.3	78.3	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 20 Lexington Attachment to Pets Scale

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	5	1.7	1.7	1.7
	1	10	3.5	3.5	5.2
	2	37	12.9	12.9	18.2
	3	234	81.8	81.8	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 21 Lexington Attachment to Pets Scale

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	8	2.8	2.8	2.8
	1	9	3.1	3.1	5.9
	2	21	7.3	7.3	13.3
	3	248	86.7	86.7	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 22 Lexington Attachment to Pets Scale

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	13	4.5	4.5	4.5
	1	14	4.9	4.9	9.4
	2	66	23.1	23.1	32.5
	3	193	67.5	67.5	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Item 23 Lexington Attachment to Pets Scale

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulativa
Válido	0	9	3.1	3.1	3.1
	1	12	4.2	4.2	7.3
	2	53	18.5	18.5	25.9
	3	212	74.1	74.1	100.0
	Total	286	100.0	100.0	

Anexo H - Testes de hipóteses

Hipótese 1 – regressão linear simples

Correlações

		Sofrimento	Vínculo
Correlação de Pearson	Sofrimento	1.000	.545
	Vínculo	.545	1.000
Sig. (1 extremidade)	Sofrimento	.	<.001
	Vínculo	.000	.
N	Sofrimento	286	286
	Vínculo	286	286

Resumo do modelo

Estatísticas de mudança						
Modelo	R ²	Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Sig. Mudança F
1	.297	.297	119.713	1	284	<.001

a. Preditores: (Constante), Vínculo

b. Variável Dependente: Sofrimento

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	2,316.201	1	2,316.201	119.713	<.001 ^b
	Resíduo	5,494.834	284	19.348		
	Total	7,811.035	285			

a. Variável Dependente: Sofrimento

b. Preditores: (Constante), Vínculo

Coefficientes^a

Modelo		Coeficientes Padronizados		Sig.
		Beta	t	
1	(Constante)		.768	.443
	Vínculo	.545	10.941	< 001

a. Variável Dependente: Sofrimento

Hipótese 2 – regressão linear múltipla

Correlações

		Depressão	Sofrimento	Raiva	Culpa
Correlação de Pearson	Depressão	1.000	.333	.430	.366
	Sofrimento	.333	1.000	.429	.348
	Raiva	.430	.429	1.000	.598
	Culpa	.366	.348	.598	1.000
Sig. (1 extremidade)	Depressão	.	<001	<001	<001
	Sofrimento	.000	.	.000	.000
	Raiva	.000	.000	.	.000
	Culpa	.000	.000	.000	.
N	Depressão	286	286	286	286
	Sofrimento	286	286	286	286
	Raiva	286	286	286	286
	Culpa	286	286	286	286

Resumo do modelo

Estatísticas de mudança						
Modelo	R ²	Mudança de R quadrado	Mudança F	df1	df2	Sig. Mudança F
3	.474 ^a	.013	4.896	1	282	.028

a. Preditores: (Constante), Raiva, Sofrimento, Culpa

b. Variável Dependente: Depressão

ANOVA^a

Modelo		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
1	Regressão	2,024.526	3	674.842	27.310	< 001 ^a
	Resíduo	6,968.288	282	24.710		
	Total	8,992.815	285			

a. Variável Dependente: Depressão

b. Preditores: (Constante), Raiva, Sofrimento, Culpa

Coefficientes^a

Modelo		Coefficientes Padronizados Beta	t	Sig.
1	(Constante)		1.917	.056
	Raiva	.271	3.965	< 001
	Sofrimento	.166	2.832	.005
	Culpa	.146	2.213	.028

a. Variável Dependente: Depressão

Testes de normalidade

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Estatística	gl	Sig.	Estatística	gl	Sig
Ansiedade	.176	286	< 001	.856	286	< 001
Depressão	.133	286	< 001	.914	286	< 001
Stress	.085	286	< 001	.951	286	< 001
Raiva	.157	286	< 001	.898	286	< 001
Culpa	.124	286	< 001	.906	286	< 001

a. Correlação de significância de Lilliefors

Hipótese 3 – Teste de Mann - Whitney

Teste de Mann – Whitney

	Sig.	U de Mann - Whitney	Adquiriu um novo animal?	N	Média
Stress	.583	9.813	Sim	135	140.69
			Não	151	146.01
			Total	286	
Depressão	.597	9.824	Sim	135	140.77
			Não	151	145.94
			Total	286	
Ansiedade	.986	10.180	Sim	135	143.41
			Não	151	143.58
			Total	286	

a. Variável de Agrupamento: Adquiriu um novo animal.

Hipótese 4 – Teste de Mann - Whitney

Teste de Mann – Whitney					
	Sig.	U de Mann - Whitney	Causa de Morte	N	Média
Raiva	.028	2.742	Morte Inesperada	69	94.26
			Eutanásia	99	77.70
			Total	168	
Culpa	.006	2.572	Morte Inesperada	69	96.72
			Eutanásia	99	75.98
			Total	168	

a. Variável de Agrupamento: Causa de morte